

O FORJANENSE

Diretor: Carlos Gomes de Sá
Subdiretor: José Manuel Reis
Abril 2013 • Ano XXVIII 2ª série • n.º 285
Fundado em Dezembro 1984
Euros 0.80

Mensário informativo e regionalista

O FORJANENSE no **facebook**



ECOS PASCAIS

No dia 24 de março assinalou-se, na celebração eucarística das 11h15, a festividade do Domingo de Ramos, momento carregado de simbolismo, que foi vivido por largas dezenas de fiéis, assinalando, com os seus ramos de oliveira, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. A eucaristia foi animada pelo 5º ano da catequese paroquial.

Nesta edição fique ainda a conhecer a Festa da Vida, momento protagonizado pelos alunos do 8º ano, bem como a participação dos catequizandos no Compasso Pascal.

pág. 2

Chuva intensa origina 3ª cheia do ano



Rio Neiva voltou a galgar margens, inundando campos e azenhas

© csa



O ribeiro do Fulão "cresceu" até aos campos, deixando submersa a "Ponte do Poyo"

© csa

Depois de lhe termos dado conta na edição de janeiro último, das cheias acontecidas no Rio Neiva, em 13 e 14 de dezembro de 2012, e das primeiras cheias do ano de 2013, acontecidas a 18 de janeiro, voltamos ao tema, neste número, para lhe darmos notícia da segunda cheia do ano (26 de março) e, uns dias mais tarde, a 29 de março, uma terceira cheia, confirmando o aforisma popular "não há duas sem três".

pág. 16

Nesta edição

Nós por cá

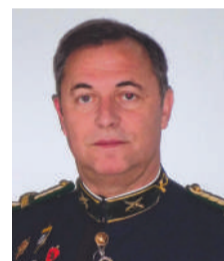
-EN 103: sinistralidade

-Forjanenses em destaque:
José Maria Carvalho e Ricardo
Dias

pág. 2

O que é feito de si?

Entrevista com
o Coronel Luís
Coutinho de
Almeida, num
momento em
que este pas-
sa à reserva na



Guarda Nacional Republicana.

págs. 6-7

Junta de Freguesia

-Reabertura da Ponte do Fulão

-Funcionários com novas fardas

-Donos podem perder os terrenos junto ao rio

pág. 3

Lar de Sto António

pág. 3

Acompanhando o FSC

Entrevista com
Fernando Neiva,
em mês de an-
iversário para o
clube, a mais an-
tiga coletividade
de Forjães.



págs. 12-13

SAÚDE E VIDA CLÍNICA MÉDICA E DENTÁRIA



Clínica Geral, Dermatologia
Obstetrícia, Ginecologia
Medicina Dentária
Neurologia, Nutrição Clínica
Ortopedia, Pneumologia
Psiquiatria, Pediatria
Urologia, Psicologia
Cardiologia

Serviços de:
Acupuntura e Osteopatia
Enfermagem, Fisioterapia
Podologia, Terapia da Fala
Electrocardiograma
Ecografias ginecológicas
Ortopantomografia
Preparação p/ o parto



Rua da Breia, 5 - 4905-096 Fragoso - Barcelos
E-mail: clinicassaudevida@gmail.com
Telf: 258 773 631

Nós por cá

Carlos Gomes de Sá

EN 103

Sinistralidade

Tal como no mês anterior, este mês de abril foi, em termos de sinistralidade em Forjães e no concelho, muito calmo. Fonte policial contactada pelo Forjanense dá conta da baixa sinistralidade que se vem sentindo, não havendo registo de acidentes no troço da EN103 respeitante a Forjães.

A registar, nesta mesma via, um acidente mortal em 28 de março, em Palme, em consequência de um despiste. O carro, de marca Seat, entrou em despiste e embateu violentamente contra uma árvore, que acabou quebrada. O condutor, único ocupante da viatura no momento, residia em Perelhal, Barcelos, para onde se dirigia, depois de ter deixado um colega de trabalho em Aldreu, uma vez que haviam terminado a semana de trabalho em Lugo, Espanha. Dias mais tarde, neste



mesmo quilómetro (9km), novo despiste, também com consequências fatais para o condutor da viatura, isto num local de má memória para os forjanenses, pois aqui faleceu o carismático Firo do Floriano.

Menção, ainda, para um choque frontal, envolvendo duas via-

turas ligeiras, nas imediações do entroncamento da Rua de Pires com a Rua de Linhares acontecido no dia 4 de abril pouco depois das 19h. Registam-se danos materiais em ambas as viaturas, que tiveram que ser rebocadas do local e ferimentos ligeiros no condutor forjanense.

CATEQUESE

Festa da Vida

No dia 30 de março, na missa de Aleluia, realizou-se, na nossa paróquia, a Festa da Vida, tendo sido realizada pelo 8º ano de catequese. A celebração teve bastante adesão por parte dos jovens e dos seus pais.

Esta festa visa, sobretudo, celebrar a vida nova que Cristo dá, Aquele que alegra os nossos jovens e que os ampara na caminhada pelas suas vidas, que os conforta nas adversidades e os faz felizes.



Domingo de Ramos

A missa de domingo de ramos teve lugar no dia 24 de março tendo sido animada pelo 5º ano de Catequese.

A celebração teve início com uma pequena procissão, composta por todos os anos de catequese, tendo esta simbolizado a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, e ainda a bênção dos ramos de oliveira que cada catequisando levou para a celebração.



Compasso Pascal

Os jovens do 8º, 9º e 10º ano participaram no Compasso Pascal da nossa freguesia, tendo cantado alguns cânticos em cada casa e animado com os seus espíritos jovens.

Texto e fotos: Andreia Moura Silva



FORJANENSES EM DESTAQUE

Na edição de janeiro de 2013 o jornal O Forjanense apresentou dois forjanenses em destaque, Benjamim Pereira, candidato pelo PSD à presidência da Câmara Municipal de Esposende (breve será publicada uma entrevista a este propósito), e Luís Cruz, treinador de guarda-redes da seleção de Angola e do clube Petro de Luanda.

No mês de fevereiro o destaque foi para os forjanenses Tozé Carvalho, jogador que se estreou pela equipa A do Futebol Clube do Porto, Adélio Correia, agente da PSP louvado pela Câmara Municipal de Vila do Conde, e José António Tomás, condutor de autocarros da AVMinho, distinguido com o diploma de honra IRU.

Um mês depois, na edição de março, destacámos novo forjanense, o campeão de karting Miguel Moura, cujo sonho é conduzir um fórmula 1.

Na edição deste mês referimos as conquistas do atirador José Maria Carvalho (<https://www.facebook.com/#!/photo.php?fbid=623435247669938&set=a.623435211003275.1073741825.100000104059115&type=1&theater>) e as

vitórias do atleta Ricardo Dias (<https://www.facebook.com/#!/ricardo.dias.12764?fref=ts>), figuras que serão oportunamente entrevistadas por este jornal, iniciando-se a apresentação, como prometido na edição de fevereiro, da entrevista ao Coronel Luís Coutinho, que recentemente passou à reserva.

José Maria Carvalho



Grande Vitória do atleta "Forjanense" - José Maria Lima Carvalho, 1ª Contagem do Campeonato Regional Norte 2013 (Vizela) - Fosso Universal (Tiro aos Pratos), no dia 16 de março

Ricardo Dias



PNEUS - ESTAÇÃO DE SERVIÇO LIGEIRAS E PESADOS - ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES

PAÇO VELHO - V. F. S. Pedro - APARTADO 583 - 4754-909 BARCELOS
TELEF. 253 809 880 - FAX 253 809 889

Nós por cá



Junta de Freguesia

José Henrique Brito

Funcionários com novas fardas

A junta de freguesia dotou os funcionários afectos às equipas de jardinagem, limpeza e conservação de vias com fardamentos próprios e identificativos, dignificando assim, ainda mais, a função de quem está ao serviço da freguesia.

Este era já um anseio antigo que agora conseguimos concretizar e só possível graças à parceria

com a marca “Opolvo”, a quem desde já agradecemos a colaboração prestada.



Donos de terrenos junto ao rio podem perder os terrenos

A 15 de novembro de 2005, o então Primeiro-Ministro, José Sócrates, publica a Lei nº 54/2005, que estabelece a titularidade dos recursos hídricos.

Nessa Lei, que tem por base uma carta real de 1864, no seu artigo 15º, nº 1 diz que: “Quem pretenda obter o reconhecimento da sua propriedade sobre parcelas de leitos ou margens... pode obter esse reconhecimento desde que **intente a correspondente acção judicial até 1 de janeiro de 2014, devendo provar documentalmente que tais terrenos eram, por título legítimo, objecto de propriedade particular ou comum antes de 31 de dezembro**

de 1864...”

Ou seja, não basta apresentar o registo predial e demais documentos de titularidade. Terão de provar em Tribunal que o edifício

«Titularidade de recursos hídricos: os terrenos são públicos os donos é que terão de provar, em Tribunal, o contrário e só até ao final do ano.»

(azenhas, engenhos) ou o terreno em causa está nas suas mãos há quase 150 anos.

Se não o fizerem até 31 de dezembro do corrente ano, a Administração Central assume que os

imóveis são públicos e os donos, que pagam impostos sobre os terrenos, ficam impedidos de reclamar a titularidade.

Em resumo, por aquela Lei todos os terrenos são públicos os donos é que terão de provar, em Tribunal, o contrário e só até ao final do ano.

Aquele artigo refere-se a terrenos situados junto às margens de águas navegáveis ou fluviáveis.

A junta de freguesia aconselha os forjanenses que possuam terrenos junto a cursos de água para se informarem melhor sobre esta Lei, pouco conhecida, e que poderá ter várias implicações no seu património.

Ponte do Fulão

A circulação do trânsito na Ponte do Fulão, incluindo a pesados, foi restabelecida no passado Sábado, dia 20 de abril, dentro do prazo previsto (60 dias), conforme o adiantado, sempre, pela junta de freguesia. E, não nos podemos esquecer que a obra esteve interrompida devido ao mau tempo que se fez sentir durante este período.

Muito foi escrito e muito ruído foi feito sobre os trabalhos e os transtornos que causou, no dia-a-dia das pessoas, o corte do trânsito para a realização das obras sobre a

ponte, que se encontrava em sério risco de derrocada.

Muito se disse que a obra já deveria ter sido feita, que deveria ser feita noutra época, etc, etc... Após ter sido detectado o problema, a ponte foi monitorizada, semanalmente, durante um ano. Foram identificados os problemas e elaboradas as soluções técnicas. Posteriormente foi a obra lançada a concurso, adjudicada e, finalmente, deram-se início aos trabalhos, respeitando sempre os prazos necessários e que cada etapa

exigia.

A junta de freguesia cumpriu todos os prazos que se lhe impunham e, dentro das suas capacidades, fez tudo o que estava ao seu alcance, desde preparar o piso da rua de Linhares ao colocar uma carrinha para transportar as pessoas da Madorra para o centro, e vice-versa, até à legalização da ‘ponte do povo’, para minimizar todos os contratemplos que este trabalho iria causar.

Chuva intensa origina 3ª cheia do ano

Depois de lhe termos dado conta na edição de janeiro último, das cheias acontecidas no Rio Neiva, em 13 e 14 de dezembro de 2012, e das primeiras cheias do ano de 2013, acontecidas a 18 de janeiro, voltamos ao tema, neste número, para lhe darmos notícia da segunda cheia do ano (26 de março) e, uns dias mais tarde, a 29 de março, uma terceira cheia, confirmando o aforisma

popular “não há duas sem três”.

De facto, este início de ano tem ficado marcado por condições climatéricas adversas, tendo sido os meses de março e abril um exemplo disso, isto quando, no ano passado, por esta altura, já noticiávamos violentos incêndios, como aquele que destruiu a mata em Fragoso, Palme, Vila Chã e Feitos.

continua pág. 16



© jmr

Lar de Santo António / Clínica Dr. Queiroz de Faria
Patricia Dias

Uma tarde especial!

No seguimento da notícia publicada no mês passado, os alunos do 4º ano decidiram escrever um pequeno texto sobre a visita ao Lar.

Dia 15 de março de 2013, a turma do 4ºG foi visitar os utentes da Fundação Lar de Santo António.

Quando chegamos ao Lar, começámos por cumprimentar os idosos. Tinham todos nomes muito bonitos e a cara nem se fala!

Foi com muito gosto que lhes apresentámos várias coreogra-

fias. Adoraram! Numa das danças participaram só os rapazes, na outra só as raparigas e, por último, dançámos todos juntos.

De seguida lançámos. Estavam expostos na mesa: bolos de muitas cores, bolachas de muitas formas, queques de muitos sabores, sumos e... batatas fritas! Começámos por servir os idosos e depois foi a nossa vez de petiscar.

Depois regressámos à escola muito contentes. Foi um prazer fazer esta visita e esperamos que se repita!!!

Deco-Int
Decorações Interiores

Cortinados | Estores Interiores e Exteriores | Tapeçarias
Mobiliário | Luminário (Trabalhos Personalizados e por medida)
Av. Marcelino Queirós, 130/140 - Forjães - Esposende
Tel/fax: 253 877 814 | Tlm: 918 332 917 | decoint-adiliaabreu@sapo.pt

CAFÉ NOVO

de Domingos T. Cruz

- Café Snack Bar
- Distribuidor PANRICO
- Agente Totoloto-Totobola - Joker- Euromilhões

Rua 30 de Junho - 4740 Forjães
253 87 21 46

Nós por cá: Comunidade paroquial

Pe. José Ferreira Ledo

Jovens ao estilo conciliar

1. Há um mês atrás, sensivelmente por esta hora, vivíamos a expectativa jubilosa de saber a identidade do novo Santo Padre. Contra todas as apostas, a escolha recaiu num cardeal idoso, jesuíta e latino-americano. Como se já não bastasse esta surpresa, mais surpresos ficamos ainda com a pluralidade de gestos alternativos que o Papa Francisco despoletou desde o primeiro dia da sua eleição.

Partindo desta imagem, certamente que nenhum de nós gosta de ditadores, de chefes arrogantes ou de líderes incompetentes, mas todos nós reconhecemos que tem de haver um guia, que vá à frente e que, respeitando a nossa diferença, nos aponte o caminho do bem, verdade e justiça, em prol de um mundo diferente. Por isso, em Dia Arquidiocesano da Juventude ouso colocar-vos, a vós aqui presentes e a tantos jovens espalhados pela Arquidiocese, perante a certeza da dificuldade de ser cristão neste tempo e a necessidade de referências válidas na nossa vida, olhai para o Papa Francisco e imitai o seu estilo de renovar a Igreja.

2. Neste tempo pascal, a liturgia convidanos a mergulhar no dinamismo da Igreja-Mãe de Jerusalém como expressão viva da força do Ressuscitado. Por um lado, conseguimos intuir as forças adversas à constituição da comunidade cristã; por outro, apercebemo-nos do verdadeiro motor que ultrapassa todos os impedimentos.

Ouvíamos na primeira leitura o imperativo do Sumo Sacerdote aos Apóstolos: "Já vos proibimos formalmente de ensinar em nome de Jesus" mas, simultaneamente, verificamos o reconhecimento duma realidade que ele não pretendia: "Vós encheis Jerusalém com a vossa doutrina". E isto porquê? Uma só razão. A opção consciente dos Apóstolos de obedecer antes a Deus que aos homens.

3. É neste tempo que vivemos e é aqui que deveremos acolher a mensagem do Papa Francisco de reconstruir a Igreja, dando-lhe um rosto novo, mais belo e atraente às nossas comunidades. E isto não se pode edificar através dum verniz exterior que as intempéries das mudanças rapidamente fazem esvanecer. Importa voltar à raiz e dar-lhe a consistência necessária para aguentar todas as intempéries. Isto é o fundamental da pastoral Juvenil: pertencer à Igreja e as-

sumir a missão de a tornar expressão do amor de Deus.

E onde está a raiz da mudança da Igreja e das comunidades, perguntam os jovens. A resposta é simples: admitir a necessidade de Deus, porque só Deus permanece e só Ele é capaz de encher a vida de sentido. Não se trata de acreditar em Deus que está no saco das coisas necessárias e a quem recorro nas aflições. Ele deve estar bem dentro e motivar as nossas opções.

Com Ele sereis um verdadeiro instrumento de renovação da Igreja. Diversas vezes, ouço desculpas de jovens (e adultos) afirmando ter fé, mas não acreditar "nos pais ou na Igreja". Na verdade, em virtude do batismo, todos nós somos Igreja!

Como tal, grupos ou movimentos de jovens desempenham aqui um papel fulcral, como sendo um espaço/tempo de espiritualidade. Como gostaria de ver mais movimentos e grupos! Mas acredito, caríssimos amigos, que o essencial está no encontro amigo a alimentar constantemente com Cristo. As atividades devem ser feitas, as eucaristias devem tornar-se mais alegres pela música e pela participação. Precisamos de horas de adoração, retiros, momentos de silêncio. Só isto dará consistência a quanto se faz!

4. Se este ano estamos a celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II, deixai-me parafrasear algumas pistas extraídas da mensagem do Concílio à humanidade naquela parte que vos é dirigida:

1 – Sereis vós a recolher o facho das mãos dos antepassados para viver num mundo de gigantescas transformações;

2 – Sereis vós a construir a sociedade do amanhã, salvando-vos ou perecendo com o que ela vos oferecer.

3 – Sereis vós a concretizar a "revisão de vida sobre a Igreja" efetuada pelo Concílio e que teréis de rejuvenescer o seu rosto para a tornar eternamente jovem como o seu fundador.

4 – Sereis vós a colocar a luz que o Concílio acendeu no meio do mundo para o iluminar no presente e no vosso futuro.

5 – Sereis vós a concretizar o sonho daquilo que a Igreja pretende para a sociedade que deve respeitar a dignidade, a liberdade, os direitos das pessoas.

Para estes cinco sonhos, o Concílio pe-

de-vos três grandes aventuras.

- Em primeiro lugar, espalhar o tesouro, antigo e sempre novo da fé, fazendo com que ele banhe a vossa vida com clarões esclarecedores e não vos deixando ceder a sedução dos filósofos do egoísmo e do prazer, do desespero ou desencanto, do cansaço ou do desencanto;

- Em segundo, alargar, em nome de jovens, os vossos corações sobre todo o mundo e escutar os apelos dos vossos irmãos colocando-se corajosamente ao serviço dos que mais necessitam com todas as vossas energias juvenis. "Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre censo aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados".

- Por último, acreditar que a Igreja vos olha com imensa confiança e amor para estas tarefas. Com amor, o Concílio diz aos jovens que ela é a verdadeira juventude do mundo que possui "o que constitui a força e o encanto dos jovens: a faculdade de se alegrar com o que começa, de se dar sem nada exigir, de se renovar e de partir para novas conquistas. Olhai-a e encontrareis nela o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta do verdadeiro amor, o companheiro e o amigo dos jovens".

5. Para terminar, caríssimos jovens: é neste Dia Arquidiocesano da Juventude que vos reafirmo que a Igreja ama os jovens e lhes oferece o que procuram. Por isso, aderi aos movimentos juvenis e multiplicai os grupos de jovens! Investi em caminhos de fé, dum modo autêntico e renovado, apaixonando-vos verdadeiramente por Cristo! Se assim for, estais a trabalhar o vosso futuro com sentido. E ao fazê-lo, não esqueçais a sociedade que vos circunda. Sede uma voz positiva, desinstalai-vos e desinstalai, e gritai a necessidade dum mundo novo. Por fim, e dado que amanhã inicia-se a Semana das Vocações, recordo as palavras do Papa Bento XVI na sua mensagem para esta efeméride: "não tenhais medo de seguir Jesus e de percorrer os caminhos exigentes e corajosos da caridade. E sereis felizes porque oferecereis ao mundo uma alegria que mais ninguém a pode oferecer."

Jorge Ortiga, A.P. - Vizela

Notícias Breves

Iniciativas do Conselho Pastoral Paroquial

- Festa da Esperança (5ºano), dia 27/abril.
- Dia da Mãe, 05/maio, Eucaristia às 11h15.
- Festa da Palavra (4ºano), dia 11/maio.
- Festa do Pentecostes (Espírito Santo), (9ºano), dia 18/maio.
- Peregrinação Arciprestal à Senhora da Guia, 19/Maio: saída às 10h00, do adro da igreja de Belinho, seguindo em Procissão Mariana até ao Santuário de Nossa Senhora da Guia e, aqui chegados, haverá a celebração da Eucaristia (11:00)
- Procissão de Velas, 25/Maio: sairá da Capela de Nossa Senhora das Graças até à igreja Matriz.
- Visita Pastoral a Forjães (Santa Mariinha), será no dia 10 de Novembro do ano em curso.

Donativos para os bancos da igreja

Total: 1.630,00 euros. Obrigado.

Donativos para as obras no telhado da igreja

- 50,00 euros de Anónimo.
- Total: 11.215,00 euros. Muito Obrigado.

Bênção de novas casas em 30 de março de 2013

- António Fernando de Arezes e Ceba e Vera Patrícia Couto da Silva Moura, na Rua da Santa.
- José Albino Viana Barcelos e Maria Amélia Coutinho Branco, na Rua Padre Bento José da Mota.
- António Jorge Almeida Ribeiro e Susana Maria Carvalho Cardoso, na Rua dos Ferradores.



Zé dos Leitões
Forjães - Esposende


Av. Marcelino Queirós, 130/140
Loja 14 - 4740-438 Forjães
Tel. 253 876 074 - Tlm. 965 166 956



Ponte Neiva
Neiva - Viana do Castelo

Av. de S. Romão, 10
4935 Neiva Viana do Castelo
Tel. 258 871 466 - Fax. 258 371 420

Casa Pereira



**Drogaria
Ferragens**

Casa Pereira I - Av. Rodrigues de Faria, 25 / 4740-438 Forjães
Tel. 253 871 719

Casa Pereira II - Caminho do Alto, 86 / Chafé
Tlm. 969 010 552 - Tel. 258 373 099

Movimentos religiosos

Batismos

- 30/03 – **Guilherme de Moura Casal**, filho de Tiago André Moura Ribeiro e de Marisa Daniela Rodrigues Casal.
- 07/04 – **Vasco Silva Nogueira**, filho de Eduardo Miranda Nogueira e de Sandra Maria Cruz Silva.
- 13/04 – **Marco Soares Couto**, filho de César Daniel Cruz Couto Pereira e de Ana Patrícia Soares Barbosa.
- 13/04 – **Paulo César Amorim Sinaré**, filho de Joaquim Luís Sinaré Martins e de Elisabete Ferreira Amorim.

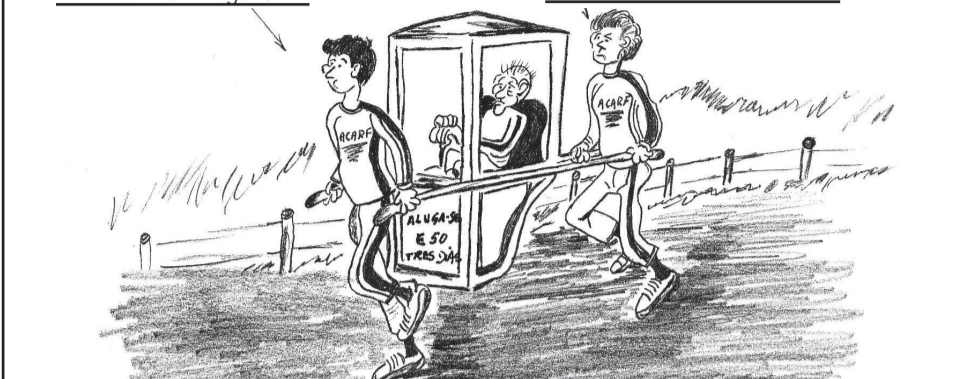
Página do leitor

Editorial

As «directas» do Torres

Ó Quim; com o preço da gasolina como está; isto vai ser um bom negócio!...

E tu sabes o que eu penso? É que agora os burros somos nós!...



Conservar os mortos

Para chegar à nova vida que deverá seguir a morte, os antigos Egípcios tinham acima de tudo toda a necessidade do seu corpo físico, indissociável da sua personalidade.

Não suportando a ideia de que o corpo pode se decompor, eles mumificam todos os defuntos, ricos ou pobres. Os embalsamadores deviam ter verdadeiramente o sangue-frio.

Eles extraíam todos os órgãos internos, desde o coração até ao cérebro e desde o estômago até aos pulmões e depois eram colocados em recipientes distintos – tratados depois do embalsamento. Eles enchiam o cadáver de condimentos aromáticos e substâncias minerais (múmia vem do árabe moum, cera, betume) que os deixava negro, pesado e quase indestrutível.

Por fim, eles lavavam o corpo e envolviam

com faixas e tecidos não coláveis. Esta prática teve andamento mais ou menos em 2400 antes de Jesus Cristo até ao VI século da nossa era. Mas os Egípcios não foram os únicos a procurar conservar os seus mortos. Os índios do Peru embalsamavam e adoravam, os seus, à semelhança dos Guanches das ilhas Canárias, em aplicando os métodos semelhantes aos dos Egípcios. Os Aleútes norte-americanos desse-cavam os seus mortos, suspensos em mastros ou colocando-os em cavernas secas. No Egípto, levam para a sepultura tudo o que é necessário para o além, roupas e outros bens temporais. O que deverá mais tarde fazer a alegria dos profanadores de sepulturas, prontos a negociar até as múmias que, reduzidas em pó, se vendiam na Idade Média como cicatrizantes.

Traduzido por Torres Jaques

NOSTALGIA - Camões

Lúis de Camões é o grande génio da nossa história literária. As suas poesias sentimentais são verdadeiros poemas, às vezes em pequeno número de versos. Mas a obra que o celebrou para todo o sempre é o poema incomparável que canta as glórias da Pátria, são Os Lusíadas, a epopeia dos Portugueses. A história dos nossos feitos, as façanhas dos nossos heróis, quando fizemos de sublime na Terra Portuguesa e pelos mais dilatados confins do mundo, tudo isso canta o poeta em versos que ressoam como clarim de vitória, que se ouvem por todos os continentes e hão-de lembrar para sempre as grandezas de Portugal.

Camões passou vida atribulada. O seu feitiço irrequieto não lhe permitiu continuar na corte de D. João III, pelo que foi combater para Marrocos, e aí, num reencontro com os mouros, perdeu o olho direito. Regressou a Portugal, mas em 1553 teve de partir para o Oriente com soldado aventura. Também por lá a sorte o não bafejou, antes foram muitas as suas tribulações; mas essa peregrinação por terras longínquas contribuiu muito para a composição do seu Poema.

Regressando a Portugal ao fim de 16 anos de desterro, vinha pobre de bens; trazia, porém, quase concluída a obra sem par que ia ofertar à Pátria como dom de preço inestimável.

Por Torres Jaques

Do livro da 3ª classe, edição de 1955

Os gitanos

Eu vi-os passar pela estrada acima
Nos tempos áureos da juventude minha
Algumas, por ilusão, leram-me a sina
Dos outros tinha medo; tinha

E não sei para onde caminhavam
Pensava que era por aí fora sem destino
Sei que atrás das carroças levavam
Uns vira-latas esqueléticos sem tino

Mas os anos foram passando
E comecei de longe a vê-los
Com medo do branquear dos cabelos

E fui assim cauteloso recordando
E para desgraça do meu tormento
Lá estão todos juntos no parlamento

25 de Abril de 2013

(que desilusão a minha)

Armando Couto Pereira

Continuar Abril



José Manuel Reis

As comemorações do 39º aniversário do 25 de Abril acontecem, este ano, num momento particularmente difícil da nossa vida democrática, com uma profunda crise económica e social, que parece fazer esquecer os ideais da sua génese.

Assinalá-la significa, assim, pretender manter vivo o espírito que esteve na origem do acontecimento, mantendo, a memória de algo fundamental, os ideais que alguns dizem ter sido colocados de lado.

Para os mais novos, que não conheceram a situação anterior e para quem a celebração não passa de mais um feriado, poderíamos sintetizá-los em quatro palavras: descolonização (afirmando-se o direito à autodeterminação das ex-colónias), liberdade (de pensamento, de movimentos e de expressão, por oposição à opressão e à censura), igualdade (tema unanimemente cantado nos hinos partidários, por oposição à discriminação e aos privilégios de classe) e democracia.

Se atendermos a várias vozes, especialmente dos militares de Abril, podemos colocar a questão da concretização destes ideais.

Não há dúvida de que a descolonização ficou concluída em pouco tempo (independentemente dos juízos que sobre esse processo possam ser emitidos), a liberdade foi conquistada e cada um pode pensar e dizer sem receio, e foram consagrados direitos universais na Constituição (embora nem sempre respeitados).

No que à democracia diz respeito, os principais partidos apontavam como ideal a construir, plasmado nos seus programas e declarações de princípios, diferentes vertentes: política, económica, social e cultural.

Relativamente à democracia política, não há dúvida que foi uma conquista que se foi consolidando, pois os nossos políticos são eleitos por nós, em eleições livres. Contudo, são muitas as vezes que falam do divórcio entre políticos e população, dizendo que eles pouco nos representam, razão apresentada para as elevadas taxas de abstenção. Por outro lado, ouve-se frequentemente a denúncia de que os nossos políticos se apoderaram da democracia: “Os partidos políticos apoderaram-se da Democracia como se fossem os seus donos. A liberdade passou a ter dono. O Estado, as Regiões Autónomas e as autarquias passaram a ter donos... A Democracia e a liberdade ressurgiram com o 25 de abril, mas logo passaram a ter dono, personificando-se em interesses individuais, familiares, de grupo. Mais do que partidos, mais do que ideologias, imperou a máxima de que os bens públicos são entendidos como património de quem está no poder”

(jorgejaneiro.blogs.sapo.pt).

Quanto à democracia económica, da qual se esperava “... o predomínio do interesse público sobre os interesses privados, a intervenção do Estado na vida económica e a propriedade coletiva de determinados sectores produtivos” (CARNEIRO, Francisco Sá, Por uma Social-Democracia Portuguesa, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1975, pp. 42-44.), muito há ainda a fazer, pois o interesse individual tem sido mais importante que o público, num jogo constante de interesses. Por outro lado, continua a crescer o fosso entre ricos e pobres, os salários (e pensões) milionários de alguns contrastam com a multidão do salário mínimo, alguns patrões menosprezam os direitos dos trabalhadores, no horário de trabalho, nos despedimentos sem justa causa, no medo criado face ao crescendo do desemprego e da precariedade, que leva a menos reivindicação, ainda que justa.

No que concerne à democracia social, que “... impõe que sejam assegurados efetivamente os direitos fundamentais de todos à saúde, à habitação, ao bem-estar e à segurança social”(idem), muitas foram as conquistas pós-abril, com o Serviço Nacional de Saúde, o apoio à habitação, na doença, no desemprego e na reforma. Contudo, assiste-se hoje a um retrocesso claro no reconhecimento desses direitos.

No que à democracia cultural diz respeito, os progressos são por todos reconhecidos, pois o acesso à educação foi generalizado, com a escolaridade obrigatória a estender-se ao nono ano e, agora, ao 12º ano, criando-se condições e apoios para que o direito possa ser concretizado. No entanto, também aqui se confundiu o direito com o esbanjamento dos “Magalhães”, nada exigindo em troca, com a atribuição de apoios a quem não precisa, criando ainda mais injustiça, com o despesismo da Parque Escolar, enquanto outras escolas não têm o essencial.

Analisando a situação atual, o balanço da concretização dos ideais de Abril é francamente positivo: há eleições livres, liberdade de pensamento e de expressão, os trabalhadores não têm medo de ser espezinhados e reprimidos, todos podem estudar, ter acesso à saúde, a apoio no desemprego e na doença, à reforma. Contudo, há sinais de alerta relativamente a alguns direitos (a refundação do estado social!), consequência de o estado nem sempre sobrepor o interesse público ao individual, nem sempre fazer uma boa gestão dos dinheiros públicos, gastar mais do que podia, deixando de poder financiar-se, obrigando a um resgate financeiro, com a consequente austeridade, que não afeta a todos por igual, pois continuam os privilégios, as exceções, o esbanjamento em muitos setores, continuando os responsáveis impunes.

Urge, por isso, encontrar medidas que corrijam a situação e tornem possível a concretização do sonho de Abril.

O FORJANENSE

R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES - Ctr. n.º 501524614
Telef. 253 87 23 85 - Fax 253 87 23 85
PROPRIEDADE e EDIÇÃO: ACARF
Associação Social, Cultural, Artística e Recreativa de Forjães

e-mail: acarfl@sapo.pt

Facebook: Jornal O Forjanense



Diretor: Carlos Gomes de Sá - csa@portugalmail.pt

Subdiretor: José Manuel Reis - jmanuelreis@sapo.pt

Colaboradores: Armando Couto Pereira, Fundação Lar de Santo António, Junta de Freguesia de Forjães, Pe. Luís Baeta, Manuel António Torres Jacques, Maria Mota, Olímpia Pinheiro, Fernando Neiva, EBI Forjães, Rafael Poças, José Salvador Ribeiro, Marina Aguiar, Cláudia Costa, Felicidade Vale, Ricardo Moreira, Pe. José Ferreira Ledo, Sandra Queiroz, Elsa Teixeira, Rui Abreu, Educadoras da ACARF, Rolando Pinto, Alma Órfão, Andreia Moura Silva, Diana Martins, Nelson Nobre, António Barbosa, Manuel Carlos Couto.

SECRETARIADO E PAGINAÇÃO: Eduarda Sampaio e Fátima Vieira.

FOTOGRAFIA: Luís Pedro Ribeiro

ASSINATURA ANUAL (11 números)

TIRAGEM - 1.800 Ex.

País: 9 Euros; Europa: 19 Euros; Resto do Mundo: 22 Euros
Registado no Instituto da Comunicação Social sob o nº 110650

IMPRESSÃO: EMPRESA DIÁRIO DO MINHO, Lda

Os artigos de opinião são da exclusiva responsabilidade de quem os assina e não vinculam qualquer posição do jornal O FORJANENSE. O jornal não assume o compromisso de publicar as cartas ou textos recebidos, reservando-se o direito de divulgar apenas excertos.

O que é feito de si? Luís Coutinho de Almeida

Carlos Gomes de Sá

Na edição de fevereiro último, anunciámos uma reportagem com o militar da GNR Luís Coutinho de Almeida, que havia deixado a Guarda no final do ano. Dificuldades de agendamento atiraram para a edição deste mês de abril este trabalho, que assume as linhas das entrevistas “O que é feito de si?”, sendo o seu relato, que será apresentado em duas edições, mais uma peça do puzzle, como referi na introdução do livro que reúne as 16 entrevistas publicadas neste mensário entre fevereiro de 2003 e dezembro de 2006.

Esta entrevista assume um carácter especial, porquanto temos nesta recolha de vivência das gentes de Forjães duas gerações: Luís Coutinho é filho de Álvaro Rodrigues de Almeida, cuja entrevista foi publicada nas edições de abril e maio de 2004. Volvidos nove anos, precisamente no mês em que o pai foi entrevistado, O Forjanense retoma a conversa com a família Coutinho de Almeida, reproduzindo a conversa que teve com o Coronel Luís Coutinho, acontecida na ACARF, a 28 de março último, tendo como mote a sua passagem à situação de reserva. Ficamos a conhecer o seu percurso escolar, os tempos de tropa, o sonho realizado de ser um capacete azul... Conhecemos o nascer dos “encontros geracionais” e “esmioçamos” as suas missões no estrangeiro, bem como os tempos de comando da GNR de Viana e Aveiro.

O Forjanense (OF): Ó Luís, a primeira questão que te quero colocar prende-se com a tua instrução primária, feita aqui em Forjães, não é assim?

Luís Coutinho de Almeida(LA): Sim. Com o Sr. Mário na 1ª classe (como não podia deixar de ser), e nos anos seguintes uma excelente professora de Braga, a D. Maria de Fátima, que vive em Famalicão. Há uns anos atrás, a minha “Geração de 60”, convidou-a a voltar a Forjães e homenageamo-la. Ela ficou muito comovida e reconhecida. Mas todo o leque de professoras era de grande nível, razão pela qual ainda tenho muita amizade e ternura por todas elas (Hirondina, Natália, Maria de Jesus, Pristília, Guidinha...).

OF: Mas esses encontros também chegaram a homenagear outras figuras importantes para a vossa formação, pelo que sei.

LA: É verdade. Antes tínhamos também homenageado o Sr. Mário, o padre Justino, as nossas primeiras catequistas (Fátima Quintão, Lúcia Dias e Adelaide Pereira), o Dr. Enes, o Sr. Carneiro da Farmácia (que era o nosso eterno amigo, que nos comprava as bolas de futebol). Até ao tio Firo do Correio agradecemos, uma vez que era uma personagem muito importante da nossa infância, era quem nos trazia as notícias.

OF: Essa Geração de 60 que iniciaste em Forjães é um encontro de alunos e colegas de escola. Com que propósito te lembras-te de fazer isso?

LA: Isso tem muito de espírito militar. A cultura militar vive muito de rituais, de práticas que reforcem o espírito de corpo, a camaradagem e a solidariedade. Eu sempre partilhei esse instinto gregário de

do é que foi?

LA: Tudo obedeceu a um critério: até aos 10 anos, estivemos juntos na escola; aos 20, fomos à inspeção militar. Por isso, quando fizemos 30, realizamos o primeiro encontro. Foi em 1990 e a partir nunca mais parou, normalmente de 2 em 2 anos. Enquanto foi vivo, o Sr. Mário também não faltou a nenhum. No último encontro, juntaram-se as raparigas, trazendo outra alegria e uma nova dinâmica ao grupo. Já decidimos que só vamos parar, quando restar apenas um.

OF: Estes encontros fizeram história, tens noção disso?

LA: A ideia não era fazer história, era apenas o pralizer do reencontro, o reforço da amizade. E no início, fomos muito criticados (como tudo que de novo é feito cá na terra). Mas isso ainda mais gozo nos dava, fazíamos ações cada vez mais inéditas e programas cada vez mais divertidos. E sabíamos bem que a moda ia pegar. Mas há aqui um esclarecimento que deve ser feito – eu sou apenas mais um no grupo, sou o 18º em 84 membros, porque os líderes naturais são a Isabel Pereira e o Mateus Castro, porque foram a primeira rapariga e rapaz a nascer. E também não sou eu só a organizar os encontros. Conto sempre com o apoio directo do António Cruz, do Neiva, da Isabel, da Lurdes e da Eduarda.

Temos um adotado no grupo, que é o Tó Mimoso, que embora tenha nascido em 61, acompanhou-nos sempre nesta aventura. São encontros cheios de sentido e de sentimento, onde também estão sempre presentes aqueles que já partiram, como é o caso do Gustinho, do Arminho, do Rui e da Paulina Costa.

OF: Voltando um pouco atrás, aos tempos de escola, tens alguma história ou vivência particular dessa altura?

LA: A escola de Forjães era modelo, uma pessoa saía de lá mesmo a saber ler e escrever e, sobretudo, a ter uma noção muito clara da palavra respeito. As imagens que eu tenho são precisamente as que envolvem os meus colegas de escola. Ainda hoje são os meus maiores amigos. Acompanharam-me sempre ao longo da vida: na escola, na doutrina, no futebol... E agora, depois de eu ter percorrido a “sete partidas do mundo”, volto à terra, a casa, à família e eles estão aí também, para revermos os mesmos lugares e até para jogar umas cartas no Café de Cima ou no Cerquido. Os meus amigos são a minha segunda família. Eu nunca prescindi de

viver perto dos meus, da minha terra, nunca quis fazer carreira em Lisboa, só obrigado. Exerci funções em 11 locais diferentes, em território nacional e 3 vezes no estrangeiro. Custava-me muito, mas essa foi sempre a minha opção, não me desenraizar. Se me tivesse estabelecido na capital ou noutra lugar, hoje, se calhar, não estaria aqui de novo.

OF: Falamos da tua passagem aqui na escola mas, sei que andaste também na Montariol em Braga. Foi marcante?

LA: Foi, sem dúvida. Era uma grande escola com professores muito bons. Escola de valores e de princípios, de hábitos de estudo e de disciplina. De tal forma que, quando cheguei à tropa, não me custava nada permanecer numa formatura, engraxar as botas, fazer a cama...

OF: E o FSC não contribuiu para a tua formação?

LA: Sem dúvida, pois o Forjães SC foi outra grande escola que me ajudou muito na vida militar, do ponto de vista físico e de espírito e equipa.

Há um triângulo muito importante na minha formação e no meu crescimento humano, que é composto pela Igreja (especialmente a doutrina), a Escola e o Clube. A componente associativa também é fundamental. Agora há a ACARF, o folclore, os escuteiros...mas na altura só havia o futebol. Os mais velhos (Fernando, Serginho, Zé Armando, Domingos, Álvaro, Carlos, Runa...) integravam-nos

muito bem.

OF: Chegaste a jogar no FSC?

LA: Sim joguei. Comecei na primeira equipa de juniores que o FSC formou, em 1977. Era praticamente a Geração de 60, mais 2 de Antas e 2 de Alvarães. Era uma excelente equipa, muito bem preparada, pelo Porfírio, e fizemos um excelente campeonato, derrotando o campeão Valenciano por 4-1, no nosso campo.

Quando passei a sénior, fui emprestado ao Alvarães, depois voltei com o Prof. Ribeiro a treinador e estreei-me nos seniores com 19 anos, marcando um golo ao Melgacence, na sequência de um cruzamento do meu irmão José Maria. Quando fui para a

faculdade, tive que fazer uma pausa, mas mais tarde, andava nos Comandos, comecei a jogar no Frágoso, passando depois pelo Antas, onde “arrumei as chuteiras” em 1985. Na altura, ingressei no curso de oficiais da GNR e não podia arriscar contrair uma lesão grave.



Foto oficial em grande uniforme

OF: E depois de Montariol?

LA: Saí em 1974 e vou para o Colégio do Minho, tendo, no ano seguinte ido para o Liceu da Póvoa, onde completei o então 5º ano e regresso a Viana, ao Liceu, para concluir o secundário e entrar em Direito em Coimbra.

OF: Quais são as recordações desse tempo?

LA: A vida de estudante é bonita, um pouco romântica, mas não era nada fácil. Tínhamos de trabalhar nas férias para arranjar um dinheirito, nos poços com o Justo, o Marcelo e o Peron, nas romarias com o Augusto Lima, nas obras com o tio Bino do Bento... (aqueles passeios em volta da Casa do Povo e do Lar, fui eu quem os ajudou a fazer). Mas o meu primeiro trabalho foi como “ajudante” da Odete do Avelino: carregar bem cedo material em Ovar e distribuí-lo pelos armazéns de Braga. Nos últimos tempos, internacionalizei-me, em França e na Suíça, nas vindimas, com o Sérgio e o Neiva, e foi aí que contraí a doença de querer conhecer mais mundo.

OF: Como é que eram as deslocações para Viana, nessa altura?

LA: Íamos na camioneta do Linhares, na das 7h, com o Sr. Daniel e o Sr. Teixeira. Tínhamos o “passe”, mas nos meses incompletos de final e início de período, íamos à boleia. Era a parte mais divertida. Hoje, por questões de segurança, não se imagina um estudante à boleia. Para a Póvoa, apaixonava muitas vezes boleia no camião do Firo Penteadado e do Alfredo do Adolfo.

OF: Sei que também chegaste a estar ligado ao teatro. Queres falar dessa experiência?

LA: Sim, eu sentia um impulso muito grande...
continua na pág. seguinte

RX

Nome: Luís Gonzaga Coutinho de Almeida
Idade: 53 anos

Filiação: Álvaro Rodrigues de Almeida e Florinda Martins da Silva Coutinho (filho mais novo de 7 irmãos)

Profissão: Coronel da GNR (na situação de reserva, desde 31 de Dezembro de 2012)



pertencer a grupos, faço parte de imensos grupos ativos: do liceu, da universidade, da tropa, da Guarda, dos Rotários, de inúmeros cursos, de diversos desportos... Mas o primeiro e o mais forte é o meu núcleo da doutrina e da escola primária.

OF: O primeiro encontro que fizeste quan-

O que é feito de si? Luís Coutinho de Almeida

Carlos Gomes de Sá

continuação da pág. anterior

de para fazer teatro, que me puxava para o palco. Era lógico, uma vez que faço parte de uma “família do teatro”, sobretudo de comediantes, como são os Rafeeis, os Esteireiros, os Titós, que são todos da mesma família.

Eu fiz parte do Grupo Teatral, ainda não havia ACARF, e quem me convidou foi o Álvaro Jaques, para substituir alguém que, à última da hora, não pode participar na estreia de uma comédia. Em menos de 24 horas tive de decorar o meu papel. Foi na Escola e contracenava com o Lino Abreu e o Zé Sinaré, dos que eu me recordo... Depois fiz outras peças, a última das quais a “Farsa de Inês Pereira”, ensaiada pelo Albino Oliveira, com a qual percorremos várias freguesias, numa altura em que se pensava e falava num projeto de associação cultural, que seria a ACARF. O Albino ainda me sondou nesse sentido, mas eu já tinha decidido o meu destino. A ACARF foi fundada em 25 de Março de 1983, mas, no primeiro dia desse mês, eu apresentei-me na tropa, na Amadora, depois de, voluntariamente, ter interrompido o curso de Direito em Coimbra.

OF: Tu vais para a tropa em 1983?

LA: Sim, em 1 de Março, o dia dos meus anos, para o Regimento de Comandos. Eu pensava que iria para Mafra, mas porque pedi para ir para a tropa, cravaram comigo naquela tropa especial. Foi muito duro, uma mudança radical na minha vida. Penei muito e chorei muitas vezes, mas sobrevivi! Depois, estive um ano, em Tomar, como aspirante. Curiosamente, há um mês atrás, reencontramo-nos naquele quartel para comemorar os 30 anos da nossa passagem por lá. Depois passei pelo Quartel Regional de Coimbra, onde retomei o curso, e dali fui para a Guarda em 1986.

OF: Como é que surgiu a tua vocação para ir para a Guarda, uma vez que estavas a estudar Direito?

LA: De facto, Direito é o curso que mais tem a ver com o serviço da Guarda, sobretudo a parte do administrativo, do penal e do processo penal. Mas eu acho que descobri essa a minha vocação na tropa. A tropa despertou-me, mudou a minha vida. É uma pena que o serviço militar não tenha continuado obrigatório porque é uma grande preparação para a vida.

OF: Estiveste quanto tempo na tropa?

LA: Estive cerca de três anos. Apesar de muito dura, de início, foi lá que cultivei ainda mais os valores da amizade, camaradagem, espírito de grupo, e foi uma preparação excelente para a Guarda. O que mais me cativou foi o facto de, em 1984, ter sido aprovado um novo estatuto que criava uma nova carreira de oficiais, que nos permitia ascender ao posto de Coronel. Porque até ali os oficiais não passavam de Capitão. Mas, de permeio, houve gente que também me influenciou nesse sentido. Desde o sr. Jorge Araújo, que era vice-governador civil do Porto e amigo do Comandante-Geral, passando pelo Fernando Vilaverde, com quem eu convivia muito e que já era oficial da Guarda, e pelo Sargento-Mor José Martins, marido da Otília Silva. Também o Tenente-Coronel António Martins funcionou sempre como uma

grande inspiração para mim. Mas decisivo foi o meu irmão Jorge, que um dia deixou em cima da minha cama o Diário da República que anunciava o concurso. Eram centenas de oficiais milicianos de todo o país a concorrer para 28 vagas e eu fiquei em terceiro lugar no concurso.

OF: Onde começaste a tua carreira na GNR?

LA: Fiz o curso de oficiais no então Centro de Instrução, na Ajuda, Lisboa. No segundo ano, vou para o Instituto Superior Militar, em Águeda. No curso de capitão, em 1993, fiz metade em Mafra e o resto na Escola Prática da GNR, em Queluz. Da formação até capitão fazia ainda parte um ano letivo na Universidade Autónoma de Lisboa, mas dispensaram-me da frequência, por já possuir equivalência académica. O curso de oficial superior foi em Pedrouços, no Instituto de Altos Estudos Militares, em 2001. Ao todo, entre cursos de formação e promoção militar e formação académica, foram 13 anos de estudo, mais 12 de escola e liceu, faz 25 anos! Passei metade da minha vida a estudar (muitos anos em acumulação com o meu trabalho) e não estou arrependido, pelo contrário, acho que deveria ter estudado ainda mais.

OF: Começaste por fazer o quê na Guarda?

LA: A minha carreira começou no Porto, na Bela Vista, onde, curiosamente, já estava um forjanense, o Cabo Orlando Azeredo, pessoa simples e amiga que me ajudou e ensinou muito. Durante 5 anos, dei formação, fazia segurança aos tribunais e ao transportava de valores do Banco de Portugal... Em 1992, fui comandar o destacamento

de Viana. Vim para o terreno, para a verdadeira realidade do serviço da Guarda, onde permaneci 4 anos, muito intensos, e dali fui para Angola.

OF: É a primeira missão?

LA: Ao serviço das Nações Unidas, estive lá mais de 2 anos e fiz duas missões seguidas: a UNAVEM III e a MONUA. Conheço Angola inteira, exceto Cabinda.

OF: O que fazias lá?

LA: Fazia de tudo. Um observador de polícia, que fala português, estava sempre a alinhar. Nós vigiávamos o cumprimento do Acordo de Lusaka, o acordo de paz. Monitorizávamos o desarmamento, o aquartelamento das tropas, a desmobilização... Mas ambas as partes em conflito furavam o acordo, havia ataques permanentes, execuções sumárias, encontradas valas comuns... e nós tínhamos de ir ao local investigar, de avião ou helicóptero. Essa era a parte mais complicada.

OF: Alguma vez estiveste em perigo?

LA: Bem, eu tenho uma promessa de ir a Fátima a pé que ainda está por cumprir! Vim lá muitas vezes “apertado”, várias vezes pensei que não voltava de lá vivo. Vivíamos em condições muito difíceis. Na maior parte dos locais não havia electricidade, nem telefone, internet nem falar. Nem água corrente: tinha de tomar banho numa bacia! Mas eu adaptava-me com muita facilidade. Aquela terra era linda e mágica e as pessoas, sobretudo as crianças, eram fantásticas e davam-nos grandes lições de vida, apesar do permanente conflito, da guerra, da fome, da miséria, dos deslocados...

Quando voltei, já não era a mesma pessoa. Não podia ver uma torneira de água aberta. E ainda hoje me custa muito despejar restos de comida no lixo. É uma experiência que nos marca para toda a vida.

OF: O que te leva depois a continuar em missões?

LA: Da primeira vez, foi o sonho de ser um “capacete azul”. Depois, queremos abraçar outros desafios, conhecer novos países, ajudar a resolver outros conflitos.

OF: A missão seguinte foi na Macedónia.

LA: Sim, em 2002. Ali, a realidade era completamente diferente. Estamos na Europa, na ex-Jugoslávia, eu vivo na capital, Skopje, sou professor na academia de polícia, moro num apartamento, vou ao teatro e à ópera. Trabalhava muito durante a semana, mas aos fins de semana, pegava num jeep e ia para onde me apetecia: Grécia, Turquia, Bulgária...

OF: Esses tempos foram, então, uma espécie de férias?

LA: Não, não era tudo um mar de rosas, pelo meio havia sempre muita tensão. Cheguei lá apenas 6 meses depois da guerra civil. A NATO tinha bombardeado a Sérvia e a população era ainda muito hostil à missão. Não aos portugueses, pois em todo o mundo por onde passei as pessoas adoram-nos. Mas ali, de cada vez que aplicavam sanções à Sérvia, a população reagia: apedrejavam os nossos carros e de uma vez incendiaram-nos 19 jeeps. Até colocavam forcas nas ruas dizendo que eram para nos pendurar. Foi nessa altura que fiz a segunda promessa, de ir a pé até ao Bom Jesus de Braga. Mas aos poucos as coisas foram acalmando: as pessoas começaram a ter mais confiança em mim e eu comecei a circular por todo o país, sem restrições, até pelos países vizinhos “mais sensíveis”, como a Bósnia, Kosovo e a Albânia, para onde viajava muitas vezes sozinho.

OF: Qual era a tua verdadeira missão?

LA: Era formar uma polícia multiétnica, no meio daquelas diversas fações étnicas e religiosas que não se entendiam. Na escola, os meus alunos eram albaneses, macedónios, turcos, sérvios, croatas, bósnios, romenos, ciganos...

OF: Como é que era a comunicação com essa gente toda?

LA: Eu falava em inglês e eles em macedónio, mas tinha os intérpretes a traduzir. Ao fim de ano e meio, já me desenrascava na língua local. Aliás, em todos os locais por onde passei, tentei sempre aprender as línguas autóctones, o que facilitava muito a integração.

OF: Como é que te preparas para uma missão dessas?

LA: Na altura, a maior parte da preparação é feita já no local, através de um *training* de duas ou três semanas. Ultimamente, já é feita cá, e pode levar até dois meses, depende do grau de risco, como é os casos do Afeganistão e do Iraque. Seja em que



Acção de destruição de material de guerra, em Angola

missão for, temos de saber tudo acerca do país, das partes em conflito, da cultura local, das regras da missão...tudo.

A parte mais angustiante é aquela que diz respeito a hipotéticos cenários de evacuação, rapto ou sequestro. Na missão do Congo levava-se isso muito a sério. Bruxelas obrigava-nos muito a exercitar e a responder a imensos testes. Temos sempre consciência de que o pior pode acontecer e eu, antes de partir, tinha sempre uma reunião muito séria com a minha família. A família apoiou-me sempre, incondicionalmente, mas eu só os informava das “situações difíceis”, no final das missões.

OF: És um homem de fé?

LA: Sim. As promessas que faço são um desafio a mim próprio, são uma forma de pagar a sorte que me foi reservada, o ter sobrevivido. É a minha matiz, a minha cultura católica a funcionar. É também uma forma de eu homenagear os meus colegas que não tiveram a mesma sorte, os que morreram na missão de Timor e o meu amigo Capitão Álvaro Costa, que faleceu num acidente aéreo, quando estávamos em Angola. Eu tinha jantado com ele, em Luanda, dois dias antes... Ainda hoje, passados 15 anos, custa-me muito recordar esses dolorosos momentos.

OF: Quando regressas da Macedónia estás cá 5 anos. O que fazes?

LA: Após o regresso, em 2003, seguem-se 5 anos na Brigada de Trânsito, passando por Lisboa, Santarém, Coimbra, Porto e Lisboa, de novo.

OF: A que se devem todas estas mudanças, em tão curto espaço de tempo? Era uma opção tua?

LA: Dependia, umas por opção, outras por imposição. Eu nunca me opunha a uma nova colocação, aceitava isso com facilidade. E como era solteiro,

cheguei a oferecer-me para rodar, em vez de outros colegas que já tinham família constituída. Nesses 5 anos, no trânsito, percorri o país inteiro de ronda, naqueles carros-patrolha. Terminei esse período a chefiar a secção de justiça da brigada, merçê da minha formação em Direito, e daí parti para a última missão da UE, no Congo, como perito jurista.

Continua na próxima edição

ACARF

Diretor da Segurança Social visita ACARF



No passado dia 26 de Março, a ACARF teve o prazer de poder contar com um "utente/colaborador" bastante especial. Estamos a falar do Dr. Rui Barreira, o diretor do Centro Distrital da Segurança Social de Braga. Inserida numa série de visitas às IPSS's do concelho de Esposende, a equipa da Segurança Social andou no terreno a fazer um levantamento das necessidades e dificuldades que estas Instituições têm sentido nos últimos tempos.

Após a recepção ao diretor, pela direção da ACARF, seguiu-se uma visita guiada pelas instalações, passando pelas diferentes respostas sociais. Os utentes do Centro de Dia/Convívio receberam os ilustres convidados com uma bela cantoria. Os mais novos mostraram os seus dotes, com algumas colagens e pinturas. Para finalizar discutiram-se as principais necessidades e projetos futuros.

Aproveitamos, mais uma vez, para agradecer a visita.

Tagarelas vão à piscina

O grupo dos tagarelas (2/3 anos) iniciou, no passado dia 5 de abril, a atividade da piscina.

Neste sentido, orientados por um professor de educação física, as crianças realizam exercícios com bolas, pranchas, escorregas, argolas, tubos flutuantes, figuras geométricas, etc.

A atividade tem como objetivo à adaptação no meio aquático, de forma a fomentar a autonomia, desenvolver a coordenação motora e a coordenação respira-



tória e a prender a movimentar-se na água apercebendo-se dos seus perigos.

Esta é uma atividade lúdica que todas as crianças gostam de praticar.

Educadoras da ACARF

Março com sabores do mar

No passado dia 4 de abril decorreu a entrega dos prémios do Concurso Gastronómico "Março com Sabores do Mar", levado a cabo pela Câmara Municipal de Esposende.

Destacamos as menções honrosas "Inovação", "Qualidade no Serviço", "Higiene", "Promoção" e "Acompanhamentos", entre outras, nas quais vários restaurantes foram reconhecidos e viram o seu esforço recompensado!!

Não poderíamos deixar de referir que o restaurante "Senhora Peliteiro", em Fão, foi o vencedor deste 10º Concurso Gastronómico com o prato "Linguado da Lota".

A ACARF teve uma participação especial neste concurso, na

rubrica "Cantinas Escolares", e recebeu uma menção honrosa com o prato "Bacalhau à ACARF", sendo que o prémio principal foi atribuído à cantina do Centro Social da Paróquia de Curvos!

Deixamos aqui os sinceros parabéns a todos os participantes desta iniciativa, principalmente aos vencedores, realçando que,



de facto, neste tipo de concursos todos saímos a ganhar!!!

Mariana Costa

GIP

GABINETE DE INSERÇÃO PROFISSIONAL

Atendimento: segundas e quintas das 9h - 13h e 14h - 17h
Terças das 9h - 13h
Serviço externo: terça das 14h - 17h
Centro de emprego: quartas e sextas

Em parceria com o IEFP

Mais informações: www.acarf.pt / tel.: 253 872 385 / gipacarf@gmail.com

O Gabinete de Inserção Profissional de Forjães, na ACARF, permite divulgar as medidas de apoio e estímulo ao emprego, dando resposta às necessidades dos desempregados. Estamos disponíveis para o ajudar!

Yoga (ACARF)

Tens tempo livre? Dá uma energia diferente aos teus dias e vem até à ACARF praticar Yoga (oferta de aulas às terças às 15h30).

Horário de aulas: sábados às 10 horas

Inscreeva-se e experimente sem compromisso!

Novidade!
Aulas para crianças e adolescentes, terças às 18h15.
Informações contactar: 969350866

Boletim – Nascente Escolar

Agrupamento de Escolas do Baixo Neiva abril 2013



Com muita SAÚDE...

SEMANA DA SAÚDE



A exemplo dos anos anteriores, a Câmara Municipal de Esposende levou a efeito, na semana de 8 a 12 de abril, diversas atividades comemorativas do Dia Mundial da Saúde (7 de abril), em diferentes escolas do nosso Concelho. Também a Escola Básica do Baixo Neiva contou com várias ações, desenvolvidas em parceria com diferentes Instituições, tais como: atividades experimentais de consciencialização dos malefícios do tabaco, da responsabilidade da Liga Portuguesa Contra o Cancro; sessões de esclarecimento sobre drogas, a cargo do Centro de Respostas

Integradas de Braga; e sessão de sensibilização sobre o alcoolismo, seguida da produção de cartazes alusivos ao tema, da incumbência da Esposende Solidário. Também, os professores e assistentes operacionais foram contemplados com a comemoração desta efeméride, através de uma sessão de primeiros socorros, dinamizada pelos Bombeiros Voluntários de Esposende. Durante esta última, foram os presentes elucidados acerca das informações a fornecer durante um pedido de socorro, procedimentos a adotar em situações de emergência, tais como

hemorragias, entorses, crises convulsivas, entre outras, realizando, também, treinos relativos à colocação das vítimas em “Posição Lateral de Segurança”.

Esperamos, desta forma, ter lançado algumas “sementes” que ajudem os nossos alunos a serem cidadãos informados, responsáveis e zelosos com a sua saúde, assim como auxiliem os docentes e assistentes operacionais a cuidarem da saúde de todos quantos os rodeiam, quer seja em contexto escolar ou familiar.

A Coordenadora da Educação para a Saúde

DIA DO LENÇO

No Dia Mundial de Luta Contra o Cancro, 4 de fevereiro, foi realizada na nossa escola uma atividade de sensibilização sobre o tema, pelo grupo Jovens Promotores da Saúde (JPS), denominada “Dia do Lenço”.

A atividade consistiu na utilização por parte de toda a comunidade escolar de um lenço, na cabeça ou ao pescoço, como forma de solidariedade para com os doentes de cancro. Neste dia, pelas 13 horas, recebemos a visita de uma delegação do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa Contra o Cancro, composta pela Diretora do

Departamento de Formação da Liga (Dr.ª Arlinda Ferreira), pela Dr.ª Cristiana Fonseca (Coordenadora do Departamento de Educação para a Saúde da Liga, que trabalha com o grupo JPS), voluntários da Liga, pessoas que viveram com a doença e a superaram, e estagiários/investigadores que trabalham na instituição referida. Contamos, também, neste dia com a presença de dois representantes da Câmara Municipal de Esposende. Esta delegação contactou de perto com a nossa Escola, dirigindo algumas palavras sobre o cancro a todos os

alunos, e distribuindo alguns documentos informativos e brindes.

A atividade foi bem-sucedida, tendo contado com a participação de muitos alunos.

Os Jovens Promotores da Saúde ficaram muito satisfeitos com o resultado da atividade e agradecem a participação de todos os alunos, professores e assistentes operacionais, dirigindo um agradecimento especial aos professores do 1º Ciclo e diretores de turma por toda a colaboração prestada na organização da atividade.

Jovens Promotores da Saúde



JOGOS DESPORTIVOS ESCOLARES

Concelho de Esposende

Os Jogos Desportivos Escolares são um projeto de valor desportivo e pedagógico comprovado, potenciam uma aproximação da Sociedade Civil às escolas e merecem a confiança e o investimento de todos, contribuindo, inquestionavelmente, para o desenvolvimento de um “Espírito de Escola”, uma vez que os alunos que passam por essa experiência adquirem/reforçam a consciência de que estão a representar a “sua” escola e a “sua” comunidade escolar. As equipas da nossa escola que participaram foram alvo de um apuramento através de torneios inter-turmas, que decorreram ao longo dos dois primeiros períodos escolares. As modalidades em que participamos foram o futsal, voleibol e basquetebol. As classificações nestes jogos concelhios foram muito positivas.

Na edição deste ano, a organização, contemplou uma nova modalidade - canoagem, a título experimental. Nesta atividade apenas 10 dos nossos alunos puderam participar. Para além da experiência única, para alguns, as aprendizagens adquiridas sobressaíram pela positiva. Este evento realizou-se em Gemeses e as condições climáticas dessa manhã assemelharam-se a um verdadeiro dia de inverno! Mas não foi impeditivo à diversão e a muito movimento!



Sarau

Realizou-se no dia 23 de fevereiro, no Auditório Municipal de Esposende, o Sarau Cultural dos Agrupamentos de Escolas do Concelho de Esposende.

A Escola Básica do Baixo Neiva (Agrupamento das Marinhas) esteve muito bem representada, pelas alunas Joana Vila-Chã Ribeiro, do 5ºA e Francisca Vila-Chã Ribeiro, do 6ºA, que, com o seu pai, leram dois textos: um excerto de “Ulisses” de Maria Alberta Menéres e um outro, intitulado “Mitos Gregos”.

A acompanhar a leitura de Ulisses a Joana tocou, no violino, duas peças musicais: o Concerto Húngaro, de Óscar Rieding, e um Alegro, de Fiocco.



Breves

INTERNET Segura

No dia 8 de abril estiveram na Escola Básica do Baixo Neiva dois agentes da Polícia Judiciária, para uma ação de sensibilização aos possíveis perigos da Internet. Os agentes explicaram que navegar na Net é como conduzir um carro: se respeitarmos as regras dificilmente teremos um acidente mas se excedermos o limite de velocidade, se não cumprirmos as regras é muito provável que venhamos a sofrer, mais tarde ou mais cedo, um acidente.

Concurso Mar de Linhas – 2º e 3º ciclo

As bibliotecas do Agrupamento de Escolas das Marinhas promoveram um concurso literário subordinado ao tema “Mar”.

Depois do primeiro ciclo, em março, foi agora vez de o segundo e terceiro ciclos.

Poesia

Teus olhos

Teus olhos azuis fito,
Belos como o mar,
Misterioso e bonito,
Insoldável como o mito.
Teus olhos tem o azul do mar,
Da floresta têm o grito,
Da noite o luar,
Das ondas o embalar.

António Ferreira, 7ºB

Prevenção de acidentes domésticos

No final da educação pré-escolar, a criança deve conhecer e praticar normas básicas de segurança (em casa, na rua, na escola e na utilização de TIC) e cuidados de saúde e higiene, com-

preendendo a sua necessidade. Esta é uma das metas emanadas do Ministério da Educação, no domínio da Independência/Autonomia. Para abordar esta temática esteve recentemente na sala C do Jardim de Infância de Forjães a enfermeira Sónia Costa, que é mãe de uma das crianças e foi muito bem acolhida por todos.

A curiosidade e a necessidade de ter novas experiências fazem parte do desenvolvimento das crianças, pois aprendem na interação com o meio que as rodeia, explorando os objetos que estão disponíveis.

Uma das formas de prevenir os acidentes em casa é explicar às crianças os riscos que podem ocorrer para que aprendam a evitar os acidentes. Devemos procurar ensiná-las e alertá-las para os riscos que certos atos envolvem, para que possam desenvolver a noção do que é o perigo e do que são comportamentos perigosos.

Através de uma apresentação em powerpoint, com o apoio de várias imagens, a enfermeira Sónia Costa, abordou vários tipos de acidentes tais como: quedas, asfixia, intoxicações, queimaduras, afogamentos, lesões corporais e acidentes na via pública. Esta abordagem teve como objetivos primordiais, promover a educação para a saúde e educar e alertar para as possibilidades de acidentes, focando alguns conceitos e dando recomendações.

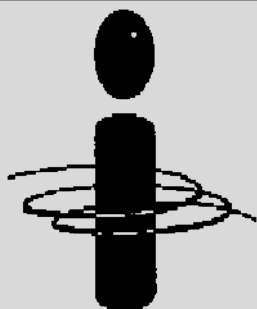
É preciso educar para a saúde levando em conta todos os aspetos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que acontecem no dia-a-dia.



Por Educadora Rita Caetano

Boletim Nascente Escolar

abril de 2013



Propriedade: Escola Básica do Baixo Neiva

Sede: Escola Básica do Baixo Neiva, Rua da Pedreira, 207
4740-446 Forjães
Tel: 253 879 200
Fax: 253 872 526

E-Mail: info@eb23s-forjaes.rcts.pt



Vice-Presidente da CAP: Professor José Pinho

Redação: Clube da Comunicação

Colaboração: Prof. António Barros (revisão de textos); Professora Diana Costa, “Semana da Saúde” e “Dia do Lenço”; Professora Anabela Freitas e Goreta Sá, “Jogos Desportivos Escolares”; Professora Goreti Figueiredo, “Sarau” e “Breves” e Professora Ana Santos e António 7ºB, “Poesia”.

Periodicidade: Mensal

Tiragem: O Boletim Nascente Escolar é parte integrante do Jornal O Forjanense desde janeiro de 2006, com uma tiragem de 1650 exemplares por mês.

Publicidade

O FORJANENSE, de 22 de Abril de 2013, nº 285

PUBLICIDADE

Cartório Notarial de Esposende
Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro - Notária
 Rua Nº Sra. da Graça, 12 - 4740-562 Esposende
 Tel. 253 968 400 Fax: 253 968 401

CARTÓRIO NOTARIAL DA NOTÁRIA FRANCISCA MARIA SEQUEIRA DA SILVA RIBEIRO DE CASTRO, SITO NA RUA NOSSA SENHORA DA GRAÇA, Nº 12, RÉS-DO-CHÃO DA FREGUESIA E CONCELHO DE ESPOSENDE.

Francisca Maria Sequeira Da Silva Ribeiro de Castro, Notária, **certifica**, para efeitos de publicação que, por escritura de dez de abril de dois mil e treze, exarada de folhas trinta e uma e seguinte, do livro de notas para escrituras diversas número "cento e sete-A", deste cartório, **DEOLINDA FERNANDES PEREIRA COSTA**, viúva, natural da freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, onde reside na Rua 25 de Abril, nº 14, declarou:

Que, é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do prédio rústico, composto por cultura com videiras em ramada, no sítio da Leira do Eirado, freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, com a área de setecentos metros quadrados, a confron-

tar do norte com Eugénio da Silva Ferreira, de sul com Fernando Matos Neves e outro, de nascente com Joaquim Fernandes Pereira e de poente com Palmira Matos Neves, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz sob o artigo **974**, com o valor patrimonial de 62,02 euros e o atribuído de **CEM EUROS**.

Que, não possui título formal que lhe permita registar na competente Conservatória o identificado prédio, mas que, no entanto, sempre esteve na detenção e fruição do mesmo, durante mais de vinte anos, por si e antecessores, detenção e fruição essas adquiridas e mantidas sem qualquer violência e exercidas sem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que tal posse assim mantida e exercida o foi em nome e interesse próprio e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento do citado prédio, colhendo os seus frutos e adminis-

trando-o.

E que essa posse por ter sido sempre pacífica, pública, contínua, de boa fé e em seu próprio nome e durante mais de vinte anos, facultou-lhe a aquisição por **USUCAPIÃO**, do direito de propriedade do referido prédio e direito este que, pela sua própria natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal, em virtude de o ter adquirido por volta do ano de mil novecentos e setenta e três, por partilha meramente verbal, nunca reduzida a escritura pública, feita por óbito de seu pai, Joaquim Gonçalves Pereira, casado com Maria José Gonçalves Fernandes Rodrigues Lima, residente que foi na dita freguesia de Palmeira de Faro. Está conforme e confere com o original na parte transcrita.

Cartório Notarial da Notária Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro, em Esposende, 10 de Abril de 2013.

A Notária,
 Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro

O FORJANENSE, de 22 de Abril de 2013, nº 285

PUBLICIDADE

Cartório Notarial de Esposende
Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro - Notária
 Rua Nº Sra. da Graça, 12 - 4740-562 Esposende - Tel. 253 968 400 Fax: 253 968 401

CARTÓRIO NOTARIAL DA NOTÁRIA FRANCISCA MARIA SEQUEIRA DA SILVA RIBEIRO DE CASTRO, SITO NA RUA NOSSA SENHORA DA GRAÇA, Nº 12, RÉS-DO-CHÃO DA FREGUESIA E CONCELHO DE ESPOSENDE.

Francisca Maria Sequeira Da Silva Ribeiro de Castro, Notária, **certifica**, para efeitos de publicação que, por escritura de dez de abril de dois mil e treze, exarada de folhas vinte e nove e seguinte, do livro de notas para escrituras diversas número "cento e sete-A", deste cartório, **JOAQUIM FERNANDES PEREIRA**, solteiro, maior, natural da freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, onde reside no Jugar de Eira D'Ana, Rua Cónego Gaiolas, nº 48, declarou:

Que, é dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do prédio rústico, composto por cultura com videiras em ramada, no sítio da Leira do Eirado, freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, com a área de oitocentos metros

quadrados, a confrontar do norte com Eugénio da Silva Ferreira, de sul com Fernando Neves Neto, de nascente com Porfírio Pereira Teixeira e de poente com António Gomes da Costa, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz sob o artigo **975**, com o valor patrimonial de 79,73 euros e o atribuído de **CEM EUROS**.

Que, não possui título formal que lhe permita registar na competente Conservatória o identificado prédio, mas que, no entanto, sempre esteve na detenção e fruição do mesmo, durante mais de vinte anos, por si e antecessores, detenção e fruição essas adquiridas e mantidas sem qualquer violência e exercidas sem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que tal posse assim mantida e exercida o foi em nome e interesse próprio e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento do citado prédio, colhendo os seus frutos e adminis-

trando-o. E que essa posse por ter sido sempre pacífica, pública, contínua, de boa fé e em seu próprio nome e durante mais de vinte anos, facultou-lhe a aquisição por **USUCAPIÃO**, do direito de propriedade do referido prédio e direito este que, pela sua própria natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal, em virtude de o ter adquirido por volta do ano de mil novecentos e setenta e três, por partilha meramente verbal, nunca reduzida a escritura pública, feita por óbito de seu pai, Joaquim Gonçalves Pereira, casado com Maria José Gonçalves Fernandes Rodrigues Lima, residente que foi na dita freguesia de Palmeira de Faro. Está conforme e confere com o original na parte transcrita.

Cartório Notarial da Notária Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro, em Esposende, 10 de Abril de 2013.

A Notária,
 Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro

O FORJANENSE, de 22 de Abril de 2013, nº 285

PUBLICIDADE

Cartório Notarial de Esposende
Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro - Notária
 Rua Nº Sra. da Graça, 12 - 4740-562 Esposende
 Tel. 253 968 400 Fax: 253 968 401

CARTÓRIO NOTARIAL DA NOTÁRIA FRANCISCA MARIA SEQUEIRA DA SILVA RIBEIRO DE CASTRO, SITO NA RUA NOSSA SENHORA DA GRAÇA, Nº 12, RÉS-DO-CHÃO DA FREGUESIA E CONCELHO DE ESPOSENDE.

Francisca Maria Sequeira Da Silva Ribeiro de Castro, Notária, **certifica**, para efeitos de publicação que, por escritura de doze de abril de dois mil treze, exarada de folhas trinta e nove e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas número "cento e três-A", deste cartório, **PORFÍRIO DA SILVA LAGE**, viúvo, natural da freguesia de Gemeses, deste concelho, residente na Rua António Gonçalves Linhares, nº 516, 2º. Andar norte, na cidade da Póvoa de Varzim, por si e na qualidade de procurador de:

a) **CARLOS JANSEN LAGE**, solteiro, maior, natural da República do Zimbabwe, e residente na dita Rua António Gonçalves Linhares, nº 516, 2º. Andar Norte e de

a) **ALANO JANSEN LAGE**, solteiro, maior, natural da República do Zimbabwe, e residente na dita Rua António Gonçalves Linhares, nº 516, 2º. Andar Norte, declarou:

Que por escritura de oito de Agosto de mil novecentos e noventa e sete, exarada a folhas oitenta e quatro verso e seguintes, do livro número oitenta e três-B, de "Escrituras Diversas", do extinto Cartório Notarial de Esposende, atualmente neste Cartório, **Eleanor Joyce Jansen** e marido **Porfírio da Silva Lage**, aqui declarante, procederam à justificação por usucapião, do seguinte imóvel nessa escritura devidamente identificado: Prédio rústico, composto por terreno de lavradio, no sítio do Olival, freguesia de Gemeses, deste concelho, com a área de dez mil setecentos e trinta metros quadrados, a confrontar do norte com Quinta da Torre, sul com Junta de Freguesia de Gemeses, nascente com Paulino Martins Alves e do poente com caminho, ao tempo não descrito e atualmente descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende sob o número **seiscentos e quarenta e seis**, de Gemeses e aí registado a favor de Eleanor Joyce Jansen e marido, aqui declarante, pela inscrição Ap. trinta de mil novecentos e noventa e sete/dez/treze, inscrito na matriz em nome do

justificante marido sob o artigo **1810**.

Que, pela presente escritura, por si e em nome dos seus representados, e na qualidade de únicos herdeiros e interessados dos bens que fazem parte da herança da mencionada **Eleanor Joyce Jansen**, vêm retificar a escritura de justificação, apenas e só no sentido de que o prédio tem efectivamente a área de **oito mil novecentos e trinta metros quadrados**, e não dez mil setecentos e trinta metros quadrados, que ficou a constar da referida escritura de justificação.

E que, assim, nos termos acima expostos, dão como retificada a citada escritura de justificação, lavrada no dia oito de Agosto de mil novecentos e noventa e sete, mantendo-se em tudo o mais nela constante.

A retificação da citada escritura de justificação, é feita nos precisos termos acordados no termo de transação assinado em vinte e sete de março de dois mil e seis, entre Eleanor Joyce Jansen e o aqui outorgante, Porfírio da Silva Lage, e a herança ilíquida e indivisa aberta por óbito de Paulino Martins Alves, no âmbito do processo judicial que correu os seus termos no 2º Juízo do Tribunal Judicial de Esposende, com o número duzentos e cinquenta e três/dois mil, termo de transação esse que foi considerado válido e homologado por sentença, que foi devidamente notificada e transitou em julgado.

Do referido prédio rústico foi ainda desanexada uma parcela de terreno para construção, com a área de dois mil metros quadrados, inscrita na matriz sob o artigo 672, e descrita na Conservatória do Registo Predial de Esposende sob o número **oitocentos e sessenta**, de Gemeses, a qual foi vendida por Eleanor Joyce Jansen e aqui outorgante, por escritura de compra e venda, outorgada no dia vinte e seis de Junho de dois mil, exarada de folhas doze e seguintes do competente livro de "Escrituras Diversas" número quinhentos e sessenta e cinco-D, do extinto 2º Cartório Notarial de Barcelos.

Está conforme e confere com o original na parte transcrita. Cartório Notarial da Notária Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro, em Esposende, 12 de Abril de 2013.

A Notária
 Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro

Desporto ■ Acompanhando o Forjães Sport Clube



Carlos Gomes de Sá

Em mês de aniversário para o Forjães SC, O Forjanense foi conversar, em 18 de abril último, com o seu presidente, Fernando Neiva. A presidir ao que refere ser a sua última Comissão Administrativa, este antigo atleta leva 15 anos de direção, mostrando-se agastado com as tarefas de gestão de um clube que tem, de porta em porta, iniciativa atrás de iniciativa, angariar os 75000 euros do seu orçamento anual.

Ao comemorar 46 anos, o clube recebeu como prenda o arrelvamento do campo, encontrando-se em concurso a empreitada que trará melhores condições e atletas ao clube. Fernando Neiva, qual "Mourinho ganhador", reafirma nesta entrevista a sua saída do clube no final da época, deixando um repto para que outros assumam o comando da mais antiga agremiação forjanense.

O Forjanense (OF): És capaz de nos contar como nasce o Forjães SC?

Fernando Neiva (FN): Oficialmente o Forjães surgiu em abril de 1976. Aquilo que eu sei, porque não sou desse tempo, e foi aquilo que me foi sendo transmitido, é que o Forjães SC foi filiado na Associação de Futebol de Braga em 15 de abril de 1976.

OF: Mas anteriormente não havia já uma equipa do Forjães?

FN: Antes do Forjães filiado em Braga, havia uma equipa ligada à Casa do Povo. Depois terá havido um pequeno desentendimento e, em redor do Sr. Horácio de Queirós, une-se um grupo de pessoas, onde está o Germecindo, o Adélino da Neta, o meu sogro (Domingos da Rua), entre outros. Há no Café de Cima uma placa com estes nomes.

Então filiaram o clube e o Sr. Queirós doou uma leira, compraram outra e é assim que o clube começa. Começou logo forte, porque foi campeão logo nessa primeira época, da 3ª Regional e logo no ano seguinte campeão de 2ª Regional. **OF: Embora filiado em Braga, o clube jogou muitos anos na Associação de Futebol de Viana, não é verdade?**

FN: Em 1972, se não me engano, o clube muda para Viana. Esta associação tinha estado inativa, porque não tinha clubes, mas não tenho muitos dados para falar disso. Sei que havia outros clubes de Viana a jogar em Braga, como o Monção, por exemplo.

OF: E quando regressa novamente para a Associação de Futebol de Braga?

FN: O FSC esteve cerca de 20 anos, em Viana. Depois, em 1992/93 volta para Braga.

OF: Que momentos altos destacas no clube?

FN: Os anos 70 são marcantes. A geração "prata da casa" era muito forte e houve duas subidas aos nacionais. Foi campeão por duas vezes, na então 1ª divisão, hoje equivalente à divisão de Honra (em 74 e 78) e militou 3 anos na 3ª Divisão Nacional, jogando praticamente só com jogadores de Forjães.

OF: Mas nesse tempo também há alguns jogadores de fora, digamos assim, que se afirmam em Forjães, não é assim?

FN: Sim, mas é mais na segunda passagem pelos nacionais. Já havia alguns jogadores de fora, porque o meio era pequeno e as exigências do Nacional eram grandes. Quando desceu, em 79, senti muitas dificuldades. Daí vem a segunda geração de forjanenses, treinados pelo prof. Domingos, que é quando o clube aposta nos jovens. Da geração mais velha ainda havia alguns nomes:

o Mingos e o prof. Ribeiro. Há numa dessas épocas um jogo histórico, em Fragoso, em que ou descia o Forjães ou o Fragoso. O Forjães e m p a t o u e safou-se da descida! Houve nessas alturas algumas dificuldades, com o Firo a treinador.

Nos anos 80 o Forjães volta a tentar a subida aos nacionais e num dos anos está perto de o conseguir. Perde a subida nas últimas jornadas.

OF: Também há boas memórias da Taça de Portugal?

FN: Sim. O Forjães teve algumas

passagens pela Taça, quer quando estava nos nacionais, quer quando ficou em segundo. Quando militava em Viana, treinado pelo Serafim, o Forjães ainda foi à Taça de Portugal. Ao todo, e estou a falar de memória, acho que o FSC tem cinco passagens pela Taça de Portugal, o que é um feito.

Jogou com algumas equipas conhecidas, uma aqui de perto, como o Rio Ave, ou outras da área do Porto.

OF: E em termos de instalações, quando se dá o "primeiro salto"?

FN: É nessa altura. O Forjães cresceu e até acho que foi na direção do Zé Armando. Fez-se um pedido para comprar um autocarro para o clube, mas surgiu a oportunidade de comprar a primeira leira, para o lado das piscinas. Acabaram por avançar, depois, para uma segunda leira e, então, nos anos 80, dá-se o primeiro alargamento do campo.

OF: E a bancada, como surge?

FN: Com a chegada do Queirós o clube teve mais a v a n ç o s em termos de obras. É com ele

que nasce esta bancada e o Forjães está ligado ao projeto inicial das piscinas. O clube não tinha dinheiro e também por questões políticas, o projeto ganhou outros rumos. Mas a segunda bancada, a norte, é construída a troco de uma parte da leira que o Forjães havia comprado.

OF: Voltando um pouco atrás,

quais foram as razões do regresso do FSC à Associação de Futebol de Braga?

FN: Bom, o Forjães, quando estava em Viana, ainda andou novamente a lutar pela subida. Um ano, com o Lanheses, esteve quase a consegui-lo, mas o Lanheses foi mais forte e subiu – foi mais forte ou controlava melhor as coisas!... Acho que é um pouco por aqui que surge a mudança: o Forjães andava revoltado com as arbitragens. Essa é a minha visão, mas eu ia acompanhando as coisas pelas assembleias. O Forjães andava ali imbicado com os árbitros. Isso foi no tempo do Queirós e os sócios aprovaram a mudança para Braga.

OF: Como foi a mudança? Foi pacífica?

FN: Os primeiros anos foram difíceis, pois demorou tempo a integrar-se. Tudo era diferente, até a geografia! Braga é a segunda Associação a nível nacional e atualmente tem muitos melhores campos e é uma competição mais forte.

OF: Falando em campos, em que ponto está o projeto do arrelvamento do Estádio Horácio Queirós?

FN: Está a decorrer o concurso público e tem havido muitas empresas interessadas. Duas das três etapas já estão ultrapassadas e, se tudo decorrer com normalidade, em finais de maio será possível adjudicar a obra.

OF: É obra para quanto tempo?

FN: O prazo de execução são 45



© csa

OF: Em termos de custo, qual é o orçamento da intervenção?

FN: A obra, porque envolve dinheiros públicos, prevê que o clube entre com 10%, a Câmara 50% e a junta 40%, prevendo-se a venda do terreno junto à escola, para tal. O valor final vai depender do valor da adjudicação, mas rondará os 225 mil euros.

OF: Teremos relvado já no início da próxima época?

FN: Se as coisas correrem bem sim. Em setembro já teremos relvado novo, isto se a obra avançar em junho, como conto.

OF: Haverá mais encargos para o clube?

FN: O relvado traz muitas vantagens, mas é claro que exige manutenção.

OF: Consiste em quê?

FN: Bom, a manutenção passa por pentear semanalmente o relvado. Esta tarefa poderá ser articulada com a autarquia, pois há outros campos com igual exigência e era bom que a Câmara comprasse os equipamentos e os passasse nos campos do Marinhas, do Fão e, em futuro, do Esposende. Era uma ajuda para todos os clubes e espero

Continua na pág. seguinte

Energias renováveis

José Manuel Domingues - 963 581 214

Rua da Corujeira nº 470 / 4740-442 Forjães
Tel./Fax: 253 877 135
e-mail: geral@tecnisol.pt / www.tecnisol.pt

...A conjugação perfeita para a formação de bons condutores!

Escola de Condução Rio Neiva, Lda

Trav. Horácio Queirós, 154 Lj. G
4740-444 Forjães
Tel. 253 877 770
E-mail: geral@ec-rioneiva.pt

Palavras Cruzadas (soluções)

Horizontais

1º parir; amada = 2º r; crampas; s = 3º a.c.; atito; mi = 4º gás; aro; sul = 5º arua; a; cela = 6º carambola = 7º seda; o; sito = 8º oro; ola; mau = 9º re; moído; sr = 10º o; carmina; e = 11º ritmo; retem =

Verticais

1º praga; soror = 2º a; carcere; i = 3º r.c.; suado; c.t. = 4º ira; ara; m.a.m. = 5º rata; a; ouro = 6º miramolim = 7º apto; b; adir = 8º mao; cos; one = 9º as; selim; a.t. = 10º d; mulatas; e = 11º asila; ourém =

Flor do Campo
Florista

Av. 30 de Junho, 110
4740-438 Forjães
Tlm. 965 875 169
Salomé Viana

Desporto ■ Acompanhando o Forjães Sport Clube



Fernando Neiva

Continuação da pág. 12

que a Câmara o possa fazer.

Depois também é preciso repor as cargas de borracha.

OF: O que é isso?

FN: No fundo é aplicado granulado de borracha e a partir do segundo ano é preciso fazer uma descompactação do relvado, isto é, levantar a areia de sílica e a borracha, e voltar a pôr, porque com o uso o piso torna-se mais duro e impermeável.

A manutenção é necessária para não estragar o investimento. Aqui a aposta foi numa relva de qualidade, assente no piso que está e com a tal caixa de borracha e sílica.

OF: As dimensões vão manter-se?

FN: Estamos a pensar nisso. O projeto foi feito para aumentar o campo, para 64x100m, mas fica muito apertado. Teremos que tomar uma decisão na altura da obra.

OF: E o ringue?

FN: O ringue é importante. Hoje o Forjães tem muitas camadas jovens, tem todos os escalões federados e o problema ficará em parte resolvido com o relvado, porque permite jogar a qualquer hora, ao contrário do pelado, que era preciso gradar e marcar.

O sintético dá mais conforto e qualidade, mas o ringue seria um espaço ideal para o treino dos mais pequenos.

OF: Estamos a falar de uma intervenção só ao nível do pavimento ou também será feita a cobertura do espaço?

FN: É só pavimento. Eu sei que é um sonho de alguns sócios ver o ringue coberto, mas é preciso estabelecer prioridades. O ringue será ampliado e terá um piso sintético, que permitirá a utilização pelas camadas jovens e até o aluguer à comunidade.

OF: Falando em comunidade, não podia haver mais jovens de Forjães na equipa?

FN: Podia, mas um dos grandes problemas é a universidade. Há uns que não querem jogar, outros não podem ou não querem fazer alguns sacrifícios, mas outros até deixam de conseguir treinar e não

dá para conciliar tudo.

Por outro lado, na Divisão de Honra, para se ser competitivo, e pelo que já disse, é preciso ter alguns jogadores de fora.

OF: A aposta do FSC continua a ser a formação?

FN: Sem dúvida. Houve uma altura em que o Forjães interrompeu um bocadinho a formação. Foi preciso voltar a apostar na formação e, em 2010, voltámos a ter todos os escalões. No ano passado, por exemplo, fizemos uma caderneta de cromos e, com os seniores, eram mais de 270 atletas! Este ano temos os mesmos escalões, mas menos um ou outro atleta em cada escalão.

Neste momento,

o *handicap* é só

termos o pelado.

Quando tivermos

o sintético, es-

tou certo, haverá

mais jogadores

e vamos ter que

escolher. Frágil

não tem futebol,

Alvarães também

não, tal como

o Antas, e é natural

que venham

jogadores para cá.

Este ano, por

exemplo, perdemos

atletas de cá,

para o Marinhãs,

que tem sintético.

Alguns eram dos

mais jeitosinhos

dos escalões. Há

outros no

Esposende, no

Santa Maria... e

era bom que

regressassem,

isto se não

forem para

profissionais.

OF: Estás a falar no futuro. Tal

significa que vais continuar à frente

do FSC?

FN: Não, não! Não há qualquer

possibilidade de continuar. Eu

tenho dito que somos poucos

elementos e fomos perdendo

força. Não parece, mas

trabalhamos

muito, muito mesmo! Com a

atual estrutura há meia dúzia

de pessoas, com outros tantos

a ajudar, mas as despesas são

muitas e os apoios cada vez

menos. Isto não é só

futebol sénior. O futebol

sénior é só uma parte do

orçamento. Todos os

meses é preciso pagar a

luz, o gasóleo para as

carrinhas, a clínica

para tratamento dos

jogadores, desde a

formação aos seniores...

OF: Qual é o orçamento anual do Forjães?

FN: Globalmente ronda os 75000 euros. Tem-se vindo a reduzir aos poucos, nos últimos três anos. Hoje, por exemplo, a antiga figura do roupeiro é desempenhada pelos dirigentes. São eles que apanham as bolas, que andam ali junto dos jogadores a pôr a roupa...

Houve, contrariamente ao que se possa pensar, um desinvestimento de ano para ano na equipa sénior. Foi sempre a cortar, porque também tivemos sempre menos receitas. Este ano, por exemplo, em receitas com que contávamos já perdemos perto de 3000 euros.

A crise afastou

muitos patrocinadores,

o que se agrava com

a falta de receitas

fixas. Temos que

agradecer a todos os

que colaboram, mas

temos que andar

sempre a pedir,

pois não há receitas

garantidas.

OF: E quanto a sócios?

FN: Eu acho que não é por mal, mas também temos que andar quase de porta em porta para receber as quotas. As pessoas gostam do clube, querem saber os resultados, mas não vêm ao campo! Nem às equipas jovens!

OF: Quantos sócios tem o clube?

FN: Bom, inscritos tem 500, mas a pagar são à volta de 350. Nem chega a tanto!... Este ano ainda falta receber mais de metade da verba estimada.

OF: É importante o apoio dos sócios?

FN: Importantíssimo. Em termos globais a verba de quotas ronda os 11000 euros, sendo a maior fonte de receita. A Câmara também ajuda muito, sendo estas as principais fontes da receita do clube.

OF: Qual é a principal dificuldade do presidente do FSC?

FN: A principal dificuldade de um diretor no FSC, acho, até nem é o trabalho, porque o trabalho faz-se. O principal é a preocupação finan-

ceira, o honrar os compromissos. Todos os meses há preocupações e há pagamentos obrigatórios!

OF: Como estão as "finanças" no presente ano?

FN: As coisas estão equilibradas e a correr dentro do esperado. Ainda há dinheiro para receber e temos que fazer uma ou outra iniciativa. Mas, com exceção de um ou outro pagamento, tudo está a ser religiosamente cumprido.

OF: Como, foi assinalado o 46º aniversário do Clube?

FN: Como é hábito, foi feito o lançamento de morteiros, um por cada ano. Agora ainda vamos ter outra iniciativa, um jantar de aniversário e final de época, lá para meados de maio. Também esperamos, nessa altura, ter boas notícias para os sócios quanto às obras com datas mais precisas.

OF: E o futuro do Forjães?

FN: Eu, de minha parte, já cumpro três comissões, num total de 11 anos, porque a primeira foi de 5 anos e mais duas, com 3 anos. Estive mais quatro anos na Assembleia, ou seja, são quinze anos de forte ligação ao clube, com muito cansaço e saturação. Também sinto isso noutros diretores e é preciso que surja alguém de novo.

OF: Então não vais inaugurar as obras de arrelvamento?

FN: Eu sei que há quem diga que a relva já devia ter sido posta há muito, mas não vale a pena esse tipo de mentalidade, agora. A questão do relvado espero que possa motivar outras pessoas para pegar no clube e dinamizá-lo. Há uma minoria, nos comentários que faz, que é muito ingrata e injusta. Isso desgasta, pois está a criticar de forma injusta. Alguns dizem "É pá, vós estais porque quereis e quando não quiserem há aí outros".

Pois bem, eu espero, sem querer ser ingénuo, que essas pessoas surjam e que continuem o clube.

O Forjanense agradece a disponibilidade de Fernando Neiva e felicita o Clube pelas suas 46 primaveras!

Carlos Gomes de Sá

Resultados

Seniores

25ª Jornada: Brito 1-1 Forjães
26ª Jornada: Forjães 1-1 Vieira
27ª Jornada: Ninense 2-1 Forjães

Taça AF Braga (1/4 de final)
Forjães 0-3 Vieira

Jantar de aniversário/ final de época

No próximo dia 18 de maio (sábado), ao final da tarde, o Forjães SC vai realizar o seu já habitual Jantar de Aniversário e de Final de Época. O mesmo decorrerá nos moldes habituais e será no salão de Banquetes da QUINTA DE CURVOS, em Forjães.

O convite é desde já endereçado a todas as pessoas que queiram participar, pois as inscrições já se encontram abertas.

Sorteio de aniversário/ Páscoa

O Forjães SC está a realizar um sorteio que intitulou de Aniversário/ Páscoa, tendo em vista a angariação de fundos para liquidar despesas de tesouraria imprevistas. O sorteio dos respectivos prémios foi adiado para o dia do jantar de aniversário/final de época, em virtude da campanha de vendas ter sido prolongada, pois na altura da Páscoa já decorriam iniciativas iguais destinadas a outras causas e, por esse motivo, a Comissão Administrativa adiou a referida campanha para essa data.

A todos os que já colaboraram, a Comissão Administrativa envia um pedido de desculpas pelo referido adiamento do sorteio e, aos que ainda não foram "multados", pede compreensão e ajuda.

Talhos Sr^a da Graça, Lda



carnes verdes
fumadas
salgadas
carne de cavalo
porco preto
todo o tipo de caça (por encomenda)

- I Rua Pires, 201 / 4740-446 Forjães / Tel. 253 871 353; tlm. 919 038 529
- II Av. Santa Marinha, C. C. Duas Rosas / 4740-438 Forjães / Tel. 253 872 726; tlm. 917 658 007
- III Rua Casa de Fábrica / 4935-327 Vila Nova de Anha

Loja 150

LOJA DE ARTIGOS DIVERSOS

Utilidades Domésticas, Produtos alimentares, Decoração, Loijas Papeleria, Brinquedos, Ferramentas, etc..

Av. Sta. Marinha, Centro Comercial Duas Rosas, 1º eq.: Loja nº1
Forjães – Esposende Telefone: 253877159

Opinião



Pe. Luís Baeta

O verdadeiro Jesus!

Percorria eu, no passado dia vinte de agosto, as ruas de Viana do Castelo ornamentadas com os tradicionais tapetes coloridos de sal já durante a procissão de Nossa Senhora da Agonia pela terra – e, portanto, após a procissão ao mar – enquanto me dedicava no silêncio e respeito a que o evento obriga a escutar e refletir sobre os comentários dos forasteiros que, curiosos e entusiasmados, não deixavam de falar sobre tudo o que viam. Atrás de mim seguia o bispo da diocese de Viana, D. Anacleto, carregando nas mãos o Santo Lenho – objeto litúrgico antigo geralmente parecido com a Sagrada Custódia mas que, em vez do Corpo de Cristo, transporta o que se crê ser um

pequeno pedaço de madeira da Cruz de Cristo. Até que, a dada altura, pergunta um menino, dos seus nove anos, à sua mãe, provavelmente referindo-se ao bispo: «Quem é aquele, mãe?» Ao que ela amorosamente responde, olhando para o Santo Lenho: «É Jesus!» E, logo de imediato, a criança reage cheia de entusiasmo: «O verdadeiro?!»

Este episódio ficou a ser, para mim, a imagem dos sentimentos muitas vezes genuínos mas também confusos que reinam atualmente entre os cristãos. Podemos afirmar que há um desfazimento das verdades da fé entre pais e filhos talvez porque a fé dos pais foi recebida e praticada com os avós, ao passo que a fé dos mais novos é uma fé mal transmitida e ainda menos praticada por muitos pais com os filhos. Esta interrupção do anúncio da fé permitiu que muitas crianças e jovens não compreendam o simbolismo saudável na nossa religião que espera, após a Ressurreição que festejamos na

Páscoa, a vinda definitiva e prometida por Jesus. Assim, depa-ramos que naquele diálogo havia duas formas de entender Jesus: a da mãe, que sabe que nas mãos do bispo vai algo que representa a divindade, e a da criança que pensa que Jesus é o próprio bispo.

A transmissão defeituosa da fé denota-se de tal forma que muitas crianças julgam mesmo que o pároco é Jesus – até porque alguns pais lhes dizem na missa que se continuarem a portar-se mal Jesus vai ralhar ou ficar triste e eles só veem o sacerdote – e julgam que a missa é a igreja – quantas já não vi que, nas suas brincadeiras, dizem que vão correr à volta da missa!

Em casos mais graves, as crianças, ao tornarem-se adolescentes, já nem querem compreender a fé dos pais já que os mesmos não se interessaram por insistir na caminhada de fé dos filhos. Assim, vemos mais alguns casos caricatos: cristãos que entendem a caminhada de crescimento na fé como um curso do qual só in-

teressam os diplomas – Primeira Comunhão, Profissão de Fé e Crisma – mesmo que isso não seja acompanhado de conhecimentos suficientes para, pelo menos, saber rezar. Quantos não se aproximam dos párocos apresentando os «currículos» da fé com assinaturas, carimbos, diplomas e atestados de bom comportamento, mas não sabem sequer a hora da missa ao Domingo!

Tudo isso, aliado à falta de zelo de nós próprios – que nos dizemos «cristãos», isto é, seguidores de Cristo – faz com que fiquemos calados ou até colaboremos com um sorriso quando um insensato resolve fazer da vida da Igreja uma anedota naquele género de programas em que alguém vai ao palco dizer meia dúzia de piadas e os outros, sentados em mesas com num café, riem-se porque para isso devem mesmo ser pagos. Assisti a algo do género em fevereiro no novo canal + TVI em que um engraçadinho dizia admirar muito a Igreja que é rica como

ninguém mas – comentava – «o que é que nas igrejas se guarda fechado a sete chaves?». E logo respondeu: «tazos ou bolachas!»! Ninguém diz nada? Ninguém faz nada? Serão parvos aqueles que durante dois mil anos rezaram, lutaram, construíram, e trouxeram a fé até nós para a tratarmos deste modo? Será que julgamos tão normal a destruição de algo que não foi anormal durante tantos séculos?

Partindo de cada um de nós, sejamos fiéis ao Batismo que recebemos. Tudo seja feito em nome de Cristo. A perfeição não se alcança com preguiça, com diplomas ou com submissão à tendência de um grupo ou sociedade. Como dizia o Professor Marcelo Rebelo de Sousa aos sacerdotes no ano passado em Guimarães, «hoje, ser diferente é ser cristão e cristão praticante». Então, se gostamos tanto de fazer a diferença, porque não somos genuínos nesta fé que nos levará à vida junto daquele que por nós ressuscitou?



Rolando Pinto

“Austeridade”

Hoje (qualquer dia serve) vi e ouvi nas notícias que o (des)governo se prepara para apresentar mais umas “dezenas” de medidas de austeridade. Sinceramente, não sei quais são nem sequer me interessei em saber. Não é por falta de interesse, mas, apenas, porque já é uma coisa que dá revolta interior, uma vez que ando a sofrer (como a maioria dos portugueses) com as medidas desde há muito tempo. Mesmo antes da “troika”.

As desculpas são sempre as mesmas e os que pagam os maus gastos e os “desvios” são sempre os mesmos.

É incrível a passividade do “povo” perante tamanho “roubo” aos seus rendimentos.

Custa-me ver notícias de “grupos” e/ou populações em revolta porque o seu clube foi goleado, sendo preciso a intervenção das forças policiais para proteger jogadores e/ou árbitros, ou porque o “seu” cemitério foi assaltado, no entanto, essas mesmas pessoas não veem o “roubo” diário no seu bolso e que os “roubos” pelos quais se estão a revoltar são o reflexo do que se passa. Pessoas que já não têm meios de subsistência e que se recorrem de “negócios obscuros” para conseguirem a sobrevivência.

É um tema complexo, no entanto, é fácil reduzir a despesa sem entrar pelo meio mais fácil, ou seja, o aumento de impostos. Exemplos?! Muitos!

Nos edifícios públicos colocar sensores para a iluminação (quantos têm luzes dia e

noite ligadas sem que passe qualquer pessoa?), torneiras com temporizadores para não ficarem abertas quando as pessoas se “esquecem” de as fechar. Colocar sensores de rega que permitam a poupança de água nos jardins (quantos estão a ser regados em dias de chuva?!). Desligar fontes e iluminação viradas para o céu (a iluminação deve ser para as ruas e/ou passeios). Acabar com o uso de viaturas públicas para o uso (privado) dos funcionários. Controlar os quilómetros e percursos feitos pelas viaturas públicas. Controlar “stocks” de materiais. Controlar os telefonemas.

E mais exemplos poderiam ser dados. No entanto, “cada caso é um caso” e, para isso, cada Instituto, Câmara e outros quaisquer organismos devem saber onde reduzir os encargos.

Resumindo, com estas “migalhas” já não seria necessário retirar nos vencimentos e aumentar impostos. Também não seria necessário “cortar” nas ajudas aos mais carenciados, nomeadamente, comparticipações nos medicamentos, nos transportes hospitalares. É que estes “cortes” trarão cada dia mais notícias de “idosos” que apareceram mortos em casa, sem que se saiba porquê...

Para concluir, o tão falado “imposto sobre as grandes fortunas” é outra “treta” e para isso basta analisar a tabela dos mais ricos, na qual surge o Sr. Américo Amorim como o mais rico de Portugal. Mas quando se vê a sua declaração de rendimentos pode constatar-se que o “assalariado” (como ele se denominou) “só” ganha 200 e tal mil euros por ano.

Como é possível? É fácil! Qualquer um de nós pode conseguir o mesmo desde que tenha uma empresa e passe a meter tudo para despesas e ganhe o mínimo na “folha”. Ou seja, nada é nosso... É da empresa!

O FORJANENSE, de 22 de Abril de 2013, nº 285

PUBLICIDADE

Cartório Notarial de Esposende
Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro - Notária
 Rua Nº Sra. da Graça, 12 - 4740-562 Esposende
 Tel. 253 968 400 Fax: 253 968 401

CARTÓRIO NOTARIAL DA NOTÁRIA FRANCISCA MARIA SEQUEIRA DA SILVA RIBEIRO DE CASTRO, SITO NA RUA NOSSA SENHORA DA GRAÇA, Nº 12, RÉ-DO-CHÃO DA FREGUESIA E CONCELHO DE ESPOSENDE.-----

Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro, Notária, certifica, para efeitos de publicação que, por escritura de dez de abril de dois mil e treze, exarada de folhas vinte e sete e seguinte, do livro de notas para escrituras diversas número "cento e sete-A", deste cartório, MARIA FLORINDA FERNANDES PEREIRA e marido PORFÍRIO PEREIRA TEIXEIRA, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, ambos naturais da freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, onde residem na Rua 13 de Maio, nº. 55, declararam:-----

Que, a outorgante mulher é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do prédio rústico, composto por cultura com videiras em ramada, no sítio da Leira do Eirado, freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar do norte com Eugénio da Silva Ferreira, de sul com Fernando Neves Neto, de nascente com Manuel Fernandes Pereira e de poente com Joaquim Fernandes Pereira, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Esposende, inscrito na matriz sob o artigo 976, com o valor patrimonial de 67,34 € e o atribuído de CEM EUROS.-----

Que, não possui título formal que lhe permita registar na competente Conservatória o identificado prédio, mas que, no entanto, sempre esteve na detenção e fruição do mesmo, durante mais de vinte anos, por si e antecessores, detenção e fruição essas adquiridas e mantidas sem qualquer violência e exercidas sem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.-----

Que tal posse assim mantida e exercida o foi em nome e interesse próprio e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento do citado prédio, colhendo os seus frutos e administrando-o. E que essa posse por ter sido sempre pacífica, pública, contínua, de boa fé e em seu próprio nome e durante mais de vinte anos, facultou-lhe a aquisição por USUCAPIÃO, do direito de propriedade do referido prédio e direito este que, pela sua própria natureza, não pode ser comprovado por qualquer título formal, em virtude de o ter adquirido por volta do ano de mil novecentos e setenta e três, por partilha meramente verbal, nunca reduzida a escritura pública, feita por óbito de seu pai, Joaquim Gonçalves Pereira, casado com Maria José Gonçalves Fernandes, residente que foi na dita freguesia de Palmeira de Faro.-----

Estáconforme e confere como original na parte transcrita.-----

Cartório Notarial da Notária Francisca Maria Sequeira da Silva Ribeiro de Castro, em Esposende, 10 de Abril de 2013.-----

A Notária
 Francisca Maria Sequeira da Silva
 Ribeiro de Castro

Culinária ■ Viver ■ Passatempos

Ementas da casa

Olímpia Pinheiro e Maria Mota



Bacalhau espiritual

2 cebolas; 4 dentes de alho; 0.5dl de azeite; 2 cenouras; 500g de bacalhau cozido; 300g de miolo de pão embebido em leite; 5dl de molho bechamel de compra; sal, pimenta e noz-moscada; 1 ramo de salsa; 2 c. (sopa) de pão ralado; 2 c. (sopa de queijo parmesão ralado; 4 tiras de casca de tomate para decorar

Refogue ligeiramente as cebolas e os alhos picados no azeite quente. Junte as cenouras raladas e deixe amaciar. Adicione o bacalhau, limpo de pele e espinhas e lascado, assim como o miolo de pão embebido em leite e envolva. Deixe levantar fervura. Acrescente metade do molho bechamel e tempere com sal, pimenta e noz-moscada. Polvilhe com parte da salsa picada e distribua o preparado por quatro recipientes individuais refractários. Cubra com o restante molho bechamel e polvilhe com o queijo ralado. Leve ao forno, a 200°C, por cerca de 20 minutos. Retire do calor e sirva decorado com as tiras de casca de tomate enroladas em forma de rosa e a restante salsa.

Bolo de bolacha com amêndoa

250g de bolachas tipo maria; 3dl de café instantâneo pronto. Creme: 250g de margarina; 200g de açúcar em pó, 1 bica forte. Decoração: miolo de amêndoa com pele e ralado; 1 fisalis

Bata a margarina à temperatura ambiente com o açúcar em pó peneirado, até obter um creme uniforme. Por fim, acrescente a bica e envolva bem. Num prato de servir, coloque em camadas alternadas, o creme e as bolachas passadas pelo café instantâneo, em forma de flor. Termine com uma camada de creme e alise bem a superfície. Marque com as costas de uma faca uma grelha sobre uma superfície de bolo. Polvilhe, em volta, com a amêndoa e decore com o fisalis.

Desperdício alimentar

No mundo Ocidental come-se muito, come-se mal e desperdiçam-se muitos alimentos.

Estudos recentes sobre o desperdício alimentar, maioritariamente referentes ao Reino Unido e EUA, e ainda escassos em Portugal, referem elevados volumes de desperdício. Nos EUA, de uma produção de alimentos de 222 milhões de toneladas, em 2008, 57,1 milhões de toneladas (26%) eram desperdiçadas ao nível da distribuição e do consumidor final. O Waste and Resources Action Program apresentou estimativas para o desperdício de alimentos e bebidas no Reino Unido, descobrindo que o desperdício nas famílias aumentou de 7,2 milhões de toneladas, em 2008, para 8,3 milhões de toneladas, em 2010, correspondendo a cerca de 480 milhões de libras por ano (aproximadamente 560 milhões de euros).

A população mundial em crescimento, a alteração das dietas alimentares, o aumento recente do preço dos alimentos e questões relacionadas com segurança alimentar, o impacto ambiental da produção agrícola (consumo de água, erosão dos solos, desflorestação, utilização de produtos químicos...) e o impacto das alterações climáticas na produção de alimentos realçam a ineficiência de como estamos a lidar com a produção de alimentos e



Ricardo Moreira*

o seu consumo. O desperdício alimentar acrescenta ainda mais ineficiência a este sistema e levanta questões éticas, sociais, económicas e ambientais, mas continua pouco estudado. A redução do desperdício alimentar pode contribuir como parte da solução para várias disparidades sociais, económicas e de sustentabilidade ambiental.

É obrigação das instituições, com responsabilidade social, potenciar uma reflexão, individual e colectiva, política e social, sobre a relação dos portugueses com a alimentação e desperdício associado, contribuindo para que esta se torne mais sustentável. Deve promover-se uma análise do sistema de produção, distribuição e consumo alimentar em Portugal, quantificando o desperdício alimentar que ocorre ao longo de toda a cadeia. O resultado dessa reflexão seria o estímulo para a mudança de comportamentos ao nível do desperdício alimentar em Portugal.

* Nutricionista

Palavras Cruzadas

Manuel Torres Jacques

Horizontais

1º dar à luz; querida = 2º contração dolorosa em certos músculos (plural) = 3º Antes de Cristo; grito agudo das aves; nota musical = 4º petróleo de iluminação; marco das portas; pólo austral = 5º pequeno molusco brasileiro; aposento dos frades ou freiras = 6º ave de arribação que vem do norte = 7º pelos ásperos e compridos de certos animais; bafio = 8º rezo; remoinho na água; ruim = 9º arguida; triturado; senhor (abrev.) = 10º essência colorante da cochonilha = 11º cadência; coisa sobresselente =

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Verticais

1º maldição; tratamento que se dá às freiras = 2º cadeia = 3º rés-do-chão; transpirado; correios telégrafos = 4º raiva; altar pagão; museu de arte moderna = 5º fêmea do rato; metal precioso = 6º califa ou chefe de crente, entre os muçulmanos = 7º idóneo; acrescentar = 8º antigo líder comunista chinês; tira de pano sobre que se ajustam os punhos e o colarinho; "um" em inglês = 9º campeão; pequena sela; antigo testamento = 10º mestiças = 11º abriga; vila portuguesa, perto de Fátima =

soluções pág. 12

Saúde em destaque

Endodontia parte I

1. O que é endodontia?

A palavra endodontia provém do grego e significa dentro (endo) do dente (dontia).

A endodontia é, assim, o ramo da medicina dentária dedicado à patologia da polpa dentária e tecidos que rodeiam as raízes e o seu tratamento.

A polpa dentária é o órgão (composto por nervos, vasos sanguíneos, etc.) que se encontra no interior do dente (canal radical) e é vulgarmente conhecido, embora de forma errada, como "nervo".

Há anos atrás, os dentes com problemas na polpa dentária eram comumente extraídos.

Hoje, graças a todos os avanços científicos e tecnológicos, os tratamentos disponíveis podem, quase sempre, sal-

var estes dentes, mantendo-lhes a função mastigatória e a estética inalteradas.

2. Que acontece quando surge uma dor de origem dentária?

Apesar de serem várias as origens possíveis da patologia pulpar, como os traumatismos dentários, os tratamentos restauradores dentários repetidos, etc., não há dúvidas que o maior responsável é a cárie dentária.

Quando a agressão provocada pela cárie dentária começa a atingir zonas mais profundas do dente, a polpa dentária fica inflamada. Surgem normalmente dores ao frio.

Se esta agressão continuar, sem que o dente seja tratado, o estado inflamatório torna-se de tal maneira avançado, que a polpa dentária perde a capacidade de defesa e recuperação.

Este estado irreversível, normalmente, é acompanhado por dores intensas e prolongadas ao frio, ao quente, ou mesmo espontâneas que podem surgir durante



Marina Aguiar*

a noite. Neste caso, torna-se necessária e remoção completa da polpa dentária, ou seja, a realização de um tratamento endodôntico.

3. Que acontece quando surge um abcesso?

Quando aparece a dor espontânea, a maior parte das vezes significa que a polpa dentária encontra-se a "morrer" e as bactérias começam a invadir essa parte do dente, provocando uma infecção que se expande para a zona óssea que envolve o dente, podendo provocar um abcesso.

(Folheto educativo OMD)

*Médica Dentista

*Médica da equipa de emergência da delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Viana do Castelo

PESAR

O Forjanense expressa ao subdiretor José Manuel Reis sentidos votos de pesar pelo falecimento de seu pai (Falecimento 22-04-2013).

Chuva intensa origina 3ª cheia do ano

continuação da pág. 3



<https://www.facebook.com/#!/photo.php?fbid=625967587419574&set=pb.10000190157131.-2207520000.1366295171.&type=3&theater>

Interior da Azenha da Ribeirinha, na 2ª cheia de 2013 (26 de março)



Ponte do Grilo: a força das águas voltou a destruir ponte



Azenha da Ribeirinha e engenho do Floriano novamente submersos (29 de março)



As chuvas de 29 de março fizeram o ribeiro do Fulão transbordar e a "ponte do povo", agora só para peões, ficou submersa

Quanto às chuvas, destacam-se as inundações de 26 de março, que limitaram a passagem alternativa à Rua do Fulão, pela Rua de Linhares, uma vez que o "pontilhão" junto à Calça ficou submerso (abaixo). Tal veio a suceder novamente com as chuvadas de 28 e 29 de março, desta feita com as águas a subirem para uma quota cerca de 50 cm inferior às cheias de 18 de janeiro, resultando a destruição da Ponte do Grilo, cuja travessia se faz de forma provisória (à esquerda). Nota, ainda, para a submersão total da cha-



mada "Ponte do Povo", na zona do Fulão, uma vez que o nível das águas do ribeiro inundou campos a montante e jusante da ponte, impedindo, uns metros adiante, como já referimos, a passagem na ponte da Calça, que ficou submersa por largos períodos.

A propósito da Ponte do Fulão, e em complemento do destaque feito na última edição, uma nota para a inscrição, feita por populares, na Rua da Corujeira, na zona do Café do Romão, adaptando uma música de Pedro Abrunhosa "Que nunca caíam as pontes entre nós" (foto pág. 3).

Queridos leitores, então que tal? Nós estamos do jeito que o tio Gaspar quer! Este mês, o Postal dos Correios é-lhe dedicado, pois no portal das finanças <http://www.portaldasfinancas.gov.pt/SIGIMI/default.jsp>, quando pesquisamos para fazer uma simulação da avaliação das casas, vemos que o Gaspar já conseguiu algo que os políticos há muito prometem. Claro, como são políticos, prometem, prometem... e lá diz o ditado... não fazem nada!... O tio Gaspar, se por um lado se esqueceu de colocar Forjães no mapa (não aparece como localidade), não deixou de fixar o valor do IMI (autarquia) e assinalou a existência do "PARQUE EMPRESARIAL VILA CHÃ-FORJÃES!"... Conhece? Será que é o negócio lá para as bandas do Cerqueiral?! Será que as senhoras da vida já se coletaram?!... Até ao próximo mês... Forjães, 23 de abril de 2013

Queridos leitores
d' O FORJANENSE

© CSA

Postal dos Correios

Dr.ª Marina Aguiar
Médica Dentista

Trav. Horácio Queirós n.º 138, R/Ch Forjães - Esposende (junto às piscinas e campo de futebol)
Tlm: 919 334 794 / 963 297 650 / 933 726 360
Tel: 253 876 045

www.dr-marina-aguiar.blogspot.com marinaguiar1@hotmail.com

- Implantologia (implantes – colocação de raízes artificiais)
 - Cirurgia Oral
 - Patologia (diagnóstico de enfermidades bocais)
 - Dentisteria (restaurações – tratamento de cáries)
 - Prótese fixa e removível
 - Odontopediatria (atendimento de crianças e adolescentes)
 - Endodontia (tratamento de canal – desvitalizações)
 - Periorontologia (tratamento de doenças das gengivas)
 - Ortodontia Fixa e Removível (correção de dentes de crianças e adultos)
 - Branqueamento e Estética Dentária
- Todos os serviços para a sua reabilitação oral
- Local de exercício anterior:
Fundação Lar de Santo António (antiga Maternidade)

AGROZENDE - Fabricação de estufas e regas, Lda

Sistemas Rega - Plásticos Térmicos - Plásticos Cobertura Solo - Redes - Telas - Climatização

Agrozende Fabricação de Estufas e Regas, Lda é uma empresa moderna que sempre procurou, desde o seu início, apostar na actualização constante dos seus serviços e produtos, proporcionando aos seus clientes a qualidade necessária às suas exigências.



Como empresa em expansão, prestamos os nossos serviços e apoio de norte a sul do país e ilhas, através de equipas especializadas na montagem e aquecimento de estufas, sistemas de rega, armazéns de apoio e Garden Center.

Contactos:
Tlf: 253 983 432 - Fax: 253 983 433 - Email: agrozende@vizzavi.pt
Rua de Agra - Apartado 13 - 4744-909 Fonte Boa - Esposende